

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO  
CENTRO DE EDUCAÇÃO CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA  
CURSO DE HISTÓRIA LICENCIATURA

**DANILO DA SILVA FEITOSA**

**DO BUCÓLICO CUTIM AO BAIRRO ANIL**

SÃO LUIS

2016

**DANILO DA SILVA FEITOSA**

**DO BUCÓLICO CUTIM AO BAIRRO ANIL**

Monografia apresentada ao Curso de História Licenciatura da  
Universidade Estadual do Maranhão para o grau de  
Licenciatura em História.

Orientador: Prof. Dr. Alan Kardec Gomes Pachêco Filho

**SÃO LUÍS**

2016

**DANILO DA SILVA FEITOSA**

**DO BUCÓLICO CUTIM AO BAIRRO ANIL**

Monografia apresentada ao Curso de História Licenciatura da  
Universidade Estadual do Maranhão para o grau de  
Licenciatura em História.  
Orientador: Prof. Dr. Alan Kardec Gomes Pachêco Filho

Aprovada em: / /

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Alan Kardec Gomes Pachêco Filho (Orientador)

Universidade Estadual do Maranhão

---

Professor Dr. Fábio Henrique Monteiro Silva

---

Professor Dr. Júlia Constança Pereira Camêlo

À minha família que me deram força para seguir sempre em frente nessa jornada universitária, a minha noiva Cleydiane Cristina dos Santos Rodrigues pelos momentos de empenho, dedicação e companheiríssimo nos momentos difíceis, te amo. E em memória ao Sr. Afonso Vieira Feitosa que me permitiu a possibilidade de conhecer esse mundo fantástico da história, só tenho a dizer muito obrigado.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus pelo dom da vida e da sabedoria.

O professor Dr. Alan Kardec Pâcheço Filho, por me ajudar e muito e tirar um pouco do seu tempo de descanso para ler a monografia.

E aos meus amigos Daniel Lindoso, Danna Paula e Luciano de Sousa, que se tornaram mais do que amigos, irmãos.

*“Escolhe um trabalho de que gostes e não terás que trabalhar nem um dia na tua vida.”*  
Confúcio

## RESUMO

Embora a história dos bairros mais velhos de São Luís seja riquíssima a historiografia maranhense nem sempre prestigiou as mesmas, principalmente depois que a cidade recebeu o título de Patrimônio Cultural da Humanidade, ela – a historiografia –, se dedicou a mostrar principalmente o bairro da Praia Grande localizado no centro histórico, local onde antigamente havia intenso comércio com o interior da província e com o exterior. Esta pesquisa tem por objetivo estudar o processo de formação do Bairro Anil, dividida em dois momentos, a saber: O início do povoamento quando ainda se chamava Cutim, mencionado nas obras de Abranches (1993), e Azevedo (1994), e em uma segunda fase a partir da construção e entrada em funcionamento da unidade fabril de tecidos Rio Anil, quando o bairro passou por profundas transformações sócias econômicas.

**Palavras-chave:** Cutim, Bairro Anil, São Luís.

## **ABSTRACT**

Although the history of the oldest wards of São Luís is very rich, the historiography of Maranhão not always honored them, especially after the city received the title of cultural heritage, it- the historiography- was dedicated to show mainly the Praia Grande district, situated in the historical center, place where formerly there was a immense internal and foreign trade. This research's objective is to study the formation process of the Anil district, divided between two moments, that are: the beginning of the population process, when it was still called Cutim, referred in the works of Abranches (1993), and Azevedo (1994), and in a second phase, starting on the construction and put into operation of the Rio Anil cloth production unit, when the ward went through deep social and economic transformations.

**Key Words:** Cutim, Anil District, São Luís

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Cidade de São Luís do Maranhão a 1647	19
FIGURA 2: PLANTA DA CIDADE DE SÃO LUIS 1698	20
FIGURA 3: Estação dos bondes no Caminho Grande	22
FIGURA 4: O Mapa da região do Cutim	26
FIGURA 5: Porto do Anil	40
FIGURA 6:Região do Anil Atualmente	44
FIGURA 7:Região conhecida como Cutim-Anil	45
FIGURA 8: Bairro doAnil	46
FIGURA 9: Supermercado Makro	46
FIGURA 10: Condomínio de Apartamentos	46
FIGURA 11: Avenida Edson Brandão	56
FIGURA 12: Avenida João Pessoa	56
FIGURA 13: Lixo em Torno do Anil	57
FIGURA 14: Lixo em Torno do Anil	57

## SUMÁRIO

<b>1INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2UMA BREVE DEFINIÇÃO SOBRE BAIRRO.....</b>	<b>12</b>
2.1 São Luís uma cidade em construção .....	16
<b>3O BUCÓLICO CUTIM .....</b>	<b>26</b>
3.1 O Cutim como Sertão.....	31
<b>4. A FÁBRICA RIO ANIL .....</b>	<b>34</b>
4.1 Aspectos físicos, econômicos e de infra-estrutura para a instalação da fábrica Rio Anil .....	34
4.2 A falência da fábrica, o fim do ilusório.....	37
4.3 A fábrica Rio Anil e a construção do bairro do Anil .....	39
4.4 O bairro Anil e sua decadência .....	44
<b>5 CONCLUSÃO.....</b>	<b>49</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>51</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>56</b>

## 1. INTRODUÇÃO

São várias as possibilidades para abordar o tema da espacialidade, quando fazemos essa ligação de – espacialidade, no sentido de pertencimento, - o lugar, passo a ter um complexo de conhecimentos envolvendo o contexto social, econômico e político de um país.

A escolha de espaço/lugar denominado Bairro, é devido a sua revelação a multifacetada da vida cidadina. Aprende-se em sua dimensão o conteúdo simbólico de cada lugar, recriando as experiências do cotidiano, sendo assim norteando diferentes maneiras de ver o mesmo espaço urbano.

Podemos afirmar que o bairro atravessa o tempo, e no decorrer de cada momento histórico, vê-se revelando o próprio movimento do mundo. O Bairro acompanha a humanidade, convidando-a a participar de uma grande fonte de informações a respeito do vivido. A partir de gestos, olhares e rostos, o entendimento de como uma sociedade pode se organizar com costumes e hábitos variados, criando entre homem e o urbano caminhos, permitindo um melhor entendimento de seus significados e valores.

O Bairro é a manifestação da vida, se adequam a inúmeras descrições, pois nelas estão todas as manifestações da emoção humana, agregando culturas e costumes. O geógrafo Santos (2006) define “ são o palco onde se desenvolvem os dramas e representações da sociedade [...] ... são territórios de ninguém e de todo mundo”. Os Bairros como um lugar de memória, são infinitas as sensações, da íntima relação cidade/bairro surgem à determinação e o envolvimento de tal modo que, para uma cidade, os bairros são dos fundamentais de sua sobrevivência.

A cidade e seus bairros vivem em permanente diálogo, estão sempre na vitrine de um tempo. Assim, os fenômenos próprios de uma cidade acontecem em seus bairros, expondo em vitrines os mais profundos e contidos sentidos do espaço urbano. Em sua extensão, perpassam inúmeras questões urbanas com os desafios na qual representam a vida cotidiana. O bairro torna-se a receptáculo das questões sociais. Quando relaciona-se cidade e área geográfica, fica evidente a importância fundamental dos bairros. O bairro acompanha o ser humano através do tempo, participa de sua trajetória estando lado a lado de sua história.

Dentro dessa perspectiva, descrever sobre os bairros de São Luís especialmente o bairro do Anil, é levar a historiografia maranhense a prestigiar uma das regiões da capital ludovicense em que todo processo de construção da cidade foi essencial. Todavia a história do Maranhão em que sempre esteve ligada a ilha de Upaon-Açu, apenas levou em consideração o bairro da Praia Grande, estabelecendo as demais regiões em segundo plano.

A partir de uma narrativa e uma discussão historiográfica busco compreender nesta pesquisa a transformação pela qual passou o bairro do Anil, do apogeu sendo um local ideal para passeios e lazer à decadência, hoje um bairro periférico, abandonado com altos índices de violência e de valor mercadológico de suas casas e terrenos insignificantes e o problema do Rio Anil, sofrendo com assoreamentos e aterramentos provocado pelas ações dos homens e da natureza, ou seja, estudar do bucólico Cutim ao Bairro Anil. .

Sendo assim, procurei reter-me nos aspectos de uma região com grandeza de natureza, entretanto para um pensamento constante nos discursos das autoridades em que vão justificar o processo de ocupação dos espaços urbanos desordenado como a busca do “progresso” e “moderno”. Levando a cidade de São Luís a buscar o novo; na qual não importa quais as consequências para o futuro. Este trabalho divide-se em três capítulos.

Assim no primeiro capítulo, discorro sobre a cidade de São Luís durante o século XIX, momento em que a capital passa por uma consolidação do seu perímetro urbano a partir das suas transformações sócias- econômicas. A partir da economia de agro-exportação do algodão.

Em seguida analiso a região do Cutim, assim chamado o Anil no início de seu povoamento, mencionado nas obras de Abranches (1993) e Azevedo (1994). Localidade com profundas marcas de uma natureza exuberante e com grandes números de sítios e chácaras da elite maranhense.

No terceiro capítulo discorro sobre as consequências da implantação da unidade fabril e a decadência do bairro Anil. Uma região marcada por grande importância para capital maranhense sofre com o processo de decadência da sua localidade, sendo atualmente considerado um bairro de periferia.

## 2. UMA BREVE DEFINIÇÃO SOBRE BAIRRO

Há um pensamento comum sobre a existência das cidades, segundo o qual as mesmas não sejam um fenômeno contemporâneo e que tenham surgido a partir do início da sedentarização do homem. Uma complexa rede de sociabilidade baseada em relações sociais, demográficas, religiosas, tecnicistas e econômicas formou esses aglomerados humanos que se espalharam pelo globo terrestre.

A formação das cidades foi vivenciada de diferentes formas pelos diversos grupos humanos, porém sua estrutura básica foi remodelada na segunda metade do século XVIII, na Inglaterra quando do desdobramento da Revolução Industrial. Para além das cidades, Eric Hobsbawm (1979), justifica que a revolução industrial foi o acontecimento que mudou a história mundial, colaborou para a consolidação do estabelecimento do sistema capitalista industrial, e implicou mudanças em todos os aspectos da vida humana.

A sedentarização forçada pelo estabelecimento de indústrias em determinados setores específicos das cidades e conseqüentemente a fixação desse “novo homem” no “chão das fábricas”, fez aumentar a produção de alimentos, de “bens de consumo” e o inevitável crescimento das cidades. Nos aspectos sociais e subjetivos, com o surgimento da nova classe social, a operária, e as mudanças na questão do tempo, “tudo ficou mais rápido” e pontual. Com esse processo as cidades cresciam, e os espaços públicos se tornavam cada vez mais restrito para a novíssima classe operária.

Desde sempre o processo migratório campo/cidade, promoveu um verdadeiro inchaço das cidades, ora com maior fluidez, ora com menor, mas sempre “despejando” gente do campo nas cidades o que fez acelerar o crescimento desordenado, ao mesmo tempo em que o capitalismo foi colocando os menos favorecidos nos cortiços<sup>1</sup> ou nas periferias das cidades, setores menos beneficiados por qualquer infraestrutura ou benefícios de urbanização, que via de regra são “desviados” para os bairros onde habitam a parcela mais privilegiada da população.

O crescimento descontrolado das cidades levou entidades filantrópicas religiosas ou não a aliarem-se ao poder público, que juntos tomaram algumas medidas, no intuito de disciplinar e educar a população urbana. Em verdade queriam o controle desta população e

---

<sup>1</sup> O cortiço é nome dado a um tipo de habitação urbana em que é habitado por maioria da classe média pobre e sua estrutura é uma casa com vários quartos na qual são alugados por famílias ou pessoas solteiras.

então criaram as entidades assistenciais: casa do trabalhador e de correção, reformatórios com uso de repressão, violência física mesmo e até a reforma das cidades, que mereceu de Walter Benjamin o seguinte comentário: “Uma cidade estranha para os próprios parisienses. Não se sentem mais em casa nela. Começa-se a tomar consciência do caráter desumano da grande metrópole”.<sup>2</sup> Benjamin fazia referência às transformações pelas quais a Paris de sua época passava.

Posso afirmar que o século XIX, assistiu a consolidação da urbanização do homem, no sentido de habitar em cidades e seu conseqüente distanciamento da natureza. Esse distanciamento levou as prefeituras ou similares em cidades mais avançadas a criarem: Jardim zoológico, Jardim Botânicos, parques aquáticos ou simplesmente parques, sempre com o sentido de *lazer* para o homem da cidade, mas principalmente com a perspectiva de devolver à cidade e a sua população, os rios, campos e matas que haviam sido “engolidos” pela cidade. O tempo não podia ser mais contemplativo, não era mais o tempo da natureza, das quatro estações medindo o tempo, o tempo era vivido pelo apito da fábrica, pela produção, medido pelo relógio.

Outro estudioso Henri Lefebvre ao abordar a realidade urbana pós-industrial e suas problemáticas, afirmou que a perplexidade e o sentimento de incerteza que acompanha a população, sendo assim, difícil de descrever e discernir as formas de urbanização, as funções e as estruturas urbanas com este processo, para ele os bairros ou as ruas não deveria figurar simplesmente como um elemento de passagem e de circulação, é uma representação do cotidiano das cidades. (1999, p.29)

No caso brasileiro como é sabido o processo industrial só veio acontecer na passagem do século XIX para o XX. Os filhos dos “barões do café” quando voltaram de seus estudos na Europa e não queriam levar a mesma vida dos pais, empregaram os excedentes da exportação cafeeira nas nascentes indústrias brasileiras. Assim teve início o processo de industrialização do Brasil. Ocorrendo primeiro no sudeste e preferencialmente nas cidades que haviam sido contempladas com as estradas de ferro, a mesma linha que havia servido para levar o café aos portos levaria a nossa produção industrial.

Assim como havia acontecido na maioria das cidades da Europa Ocidental a Revolução Industrial “atravessou” o Atlântico e rumou para a América do Sul. Encontrou sérias dificuldades de estabelecer-se no Brasil. Por cá, a escravidão havia sido abolida há pouco tempo e ainda havia as permanências de uma mentalidade totalmente escravocrata que

---

<sup>2</sup>BENJAMIN, Walter. ‘Paris, Capital do século XIX’. In Walter Benjamin. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo, Ática, 1985.

não aceitava a livre concorrência e muito menos a ideia de pagamento de salários a negros que até outro dia eram propriedade desses mesmos senhores.

Se muito difícil em seu início, na segunda década do século vinte, a Primeira Guerra Mundial nos colocou como possíveis fornecedores de um mundo industrializado em guerra. A vida passou a se tornar mais rápida e ágil, o cotidiano dessas cidades em crescimento, impunha esse novo ritmo, o trabalho fabril, e nos colocava num mundo de consumo e de lazer. Era preciso que as cidades “antigas” se adequassem a necessidade das indústrias, das vilas operárias, assim as cidades foram sendo demolidas ao mesmo tempo em que “novas cidades” foram construídas, no Brasil o caso mais emblemático, foi a reforma empreendida na cidade do Rio de Janeiro pelo prefeito Pereira Passos.

Os gestores desde aquela época já se preocupavam em deixar seus nomes na história das cidades como grandes empreendedores. Como afirmou MarshalBerman<sup>3</sup> vai dar exemplo de São Petersburgo;

Na metade do século XIX encontramos na cidade de São Petersburgo um modernismo que emerge do atraso e do subdesenvolvimento. O modernismo do Subdesenvolvimento é forçado a se construir de fantasias e sonhos de modernidade, a se nutrir de uma intimidade e luta contra miragens e fantasmas. Para ser verdadeiro para com a vida da qual emerge, é forçado a ser estridente grosseiro e incipiente Progresso seria Petersburgo queimar por inteiro disse um general em Turgueniev. A nova antítese da cidade é não mais o campo, mas um mundo fora dos limites da cidade, autossuficiente, altamente desenvolvido, supertecnológico e totalmente planejado.

O urbanismo passava a ser visto agora como, porém excluía as populações mais pobres das ações urbanas modernizantes. Tudo isso passou a ser visto e descrito como acontecimentos normais das cidades, mas são nos *bairros*, que todos esses fenômenos se tornam mais visíveis.

O conceito de *bairro* tem várias significações. Essa variação é perceptível a partir do profissional que estuda o tema, assim sendo, posso afirmar que o mesmo bairro é visto de várias maneiras por geógrafos, arquitetos, filósofos ou historiadores. Esses profissionais têm trabalhado o tema sob a ótica de suas atividades e não poderia ser diferente, embora o verbete *bairro* mostre que a palavra vem do latim *barrium* ou do árabe *barri* que significa de fora, exterior e separado. Já a Enciclopédia Britânica do Brasil (1981) o bairro tem sua definição atribuída a um pequeno povoado rural, ou área do interior do Brasil.

---

<sup>3</sup>BERMAN, Marshall, Tudo que é Sólido Desmancha no Ar. A aventura da modernidade, 1986, São Paulo, Companhia das Letras.

Em seu estudo o geógrafo Sousa (1987) o pesquisador ressalta que os elementos físicos e os laços afetivos estão intimamente ligados a população do bairro, conforme podemos ver a seguir:

[...] além de determinado território, o bairro se caracteriza por um segundo elemento, o “Sentimento de localidade” existente nos seus moradores, e cuja formação depende não apenas de posição geográfica, mas também de intercâmbio entre as famílias e as pessoas, vestindo por assim dizer o esqueleto topográfico [...] O que é bairro? Perguntei certa vez a um velho caipira, cuja resposta pronta exprime numa frase o que se vem expondo aqui: Bairro é uma naçãozinha- entenda-se: a porção de terra a que os moradores têm consciência de pertencer, formando certa unidade diferente das outras. (1987, p.57-65).

Com o passar do tempo o conceito de *bairro* passou a ficar bem mais restrito sob uma forma bem mais voltada para o cunho político, administrativo e social, em que o *bairro* passou a ter mais importância, já que representa parte do cotidiano da cidade.

Sob a ótica marxista Henri Lefebvre aborda o *bairro* numa perspectiva que encontra limites e contradições, e uma unidade natural da vida social devido à ideologia comunitária inserida na sua base. O *bairro* se torna uma forma concreta do espaço e do tempo na cidade, que atua como um módulo social de maior convergência entre o espaço geométrico e o espaço social, entre o quantificado e o qualificado. O bairro seria:

[...] a diferença mínima entre os espaços sociais múltiplos e diversificados, ordenados pelas instituições e pelos centros ativos. Seria o ponto de contato mais acessível entre o espaço geométrico e o espaço social, o ponto de transição entre um e outro; a porta de entrada e saída entre espaços qualificados e espaço quantificado, o lugar onde se faz a tradução (para e pelos usuários) dos espaços sociais (econômicos, políticos, culturais etc.) em espaço comum, quer dizer, geométrico. (LEFEBVRE, P.32,1999)

Assim o *bairro* se projeta como uma unidade territorial privilegiada para a identificação e a avaliação dos processos da vida urbana. O Bairro congrega, une e dá significado a cidade. A realidade do bairro será a realidade da cidade, as duas passam a se pertencer. O bairro como um lugar de passagem, como morada, como um espaço físico, refúgio, elemento de ligação, local de encontro, símbolo, espaço de transeuntes, via de acesso e exemplo de urbanismo. Abrindo-se para vivências distintas, fazendo de seu espaço um elemento dinâmico e pulsante como a própria vida que dela emana.

Para Michel de Certeau, o *bairro* é um espelho das circunstâncias temporais, ainda mais perceptivas com a urbanização, traduz diferentes espacializações da vida social da cidade, surgindo dentro da história do urbano, como um ícone na busca de resultado da construção histórica e social do espaço citadino.

A partir de então, tornou-se possível pensar a cidade e o urbano numa escala menor, mais detalhada, analisando as práticas sociais como espaço vivido, o lugar das experiências, das trocas, da reprodução da sociedade no cotidiano.

Segundo a geógrafa Marlene Teixeira (1986, p. 66) o bairro tem sua definição ou individualização por três elementos: Paisagem Urbana, Conteúdo Social e função. A primeira está refletida pelo estilo e idade das construções, no traçado de suas ruas, a segunda é sua referencia ao modo e ao padrão de vida da sua população e a terceira é a atividade básica em que bairro desempenha dentro da cidade, isto é, sua função residencial, comercial ou administrativa.

Já para Terezinha Soares (1959, p. 3-4), também geógrafa, uma cidade é um conjunto de bairros, em que possui cada um uma representatividade, resultante da sua função, de seus habitantes e de sua idade, o bairro é uma noção de origem popular, na qual baseia no sentimento coletivo dos seus habitantes.

Este estudo abordará o *bairro* do Anil, em São Luís, capital do Maranhão, não por uma área demarcada para uma simples utilização de ordem administrativa para seus habitantes, mas como uma organização do espaço de multiplicidade social numa cidade. O estudo acurado do bairro do Anil em São Luís será de grande ajuda para entender o processo de crescimento urbano desordenado de São Luís.

## **2.1 SÃO LUÍS UMA CIDADE EM CONSTRUÇÃO**

São Luís está localizado na ilha que seus primeiros habitantes deram o nome de Upaon-Açu, na linguagem dos índios tupinambás significavam Ilha Grande. No início do século XVII foi ocupada por franceses com a pretensão de aqui estabelecer a França Equinocial, assim como aconteceu no Rio de Janeiro, com a missão da França Antártica não conseguiram ter êxito, sendo expulsos pelos portugueses em 1615.

A cidade com aspectos de ruas, praças, câmara municipal e edifícios em que são necessárias para uma urbanização, somente se fez a partir dos portugueses. A historiadora Maria de Lourdes Lacroix(2000, p.32), em defesa de uma São Luís portuguesa e não francesa como querem os ludovicenses, diz que os franceses aqui fizeram apenas uma missa e rituais religiosos na qual simbolizou somente a expansão do Cristianismo, e com a decadência econômica e cultural da cidade no século XIX se construiu o mito da fundação da cidade pelos franceses.

Todavia São Luís cresceu portuguesa até metade do século XVIII a economia era insignificante para os planos da Metrópole, pois se usavam ainda rolos de algodão como moeda de troca. Os habitantes desse período usavam os índios como escravos, o que ocasionou a disputa entre os colonos e os jesuítas. Somente com a instalação da Companhia de Comércio do Grão-Pará e Maranhão (1755), houve um impulso econômico para deixar a região mais produtiva.

A companhia investiu recursos na província do Maranhão e conseguiu dinamizar a economia através da exportação do algodão e arroz, e implantou a mão-de-obra escrava africana para aumentar a riqueza da região, Jerônimo de Viveiros (1999, p.67), afirma que o surto de progresso em que o Maranhão desfrutou nos finais de anos do período colonial, veio acontecer pela companhia que

Introduzindo braços africanos, sementes de arroz da Carolina para substituir o arroz vermelho nativo, melhores processos de algodão, ferramentas, máquinas de descasque de arroz, adiantamentos de dinheiro, tudo a longos prazos, para pagamentos em gêneros, fez crescer a produção do estado rapidamente. (VIVEIROS, 1999, p.67)

Com a entrada do Maranhão no mercado internacional foram observadas as mudanças na cidade de São Luís, que passou a ser residência de comerciantes e fazendeiros. Data deste período a construção dos casarões do bairro da Praia Grande, símbolo do auge econômico que a cidade e o Estado viveram. Na época das temporadas chuvosas, fazendeiros do interior e suas famílias se deslocavam para capital, para desfrutarem dos confortos que a cidade oferecia.

O crescimento de São Luís durante o século XIX com seus problemas urbanos, foi destaque na obra do fazendeiro de algodão Raimundo José de Sousa Gaioso, o mesmo observou a cidade se dividindo em duas instâncias. Uma mais antiga se encontrava no bairro da Praia Grande, com a igreja Nossa Senhora da Vitória, essa parte da cidade havia maior número de habitantes e com muitos edifícios, porém a desigualdades dos terrenos e ruas mal calçadas deixavam o lugar bastante incômodo. A segunda parte da cidade segundo Gaioso era da igreja Nossa Senhora da Conceição, na qual se encontrava uma população menor, onde havia bastantes terrenos para serem feitas construções, inclusive ali foi construído o quartel militar chamado de Campos de Ourique.

Na segunda metade do século XIX, dois fatores favoreceram o crescimento demográfico de São Luís, o primeiro está relacionado com o conflito da Balaiada, que obrigou muitas famílias do interior se transferir para capital. O segundo momento foi a crises da

lavouira algodoeira, que “expulsou” muitos fazendeiros e suas respectivas famílias obrigando-os a morarem definitivamente em São Luís. Houve o aumento inesperado da população o que provocou a ocupação de grande quantidade de terrenos urbanos para a construção de moradias.

Todavia, o crescimento foi em torno do bairro da Praia Grande. Nesta época, os limites da cidade não se estendiam para o outro lado da margem direita do Rio Bacanga, nem para a margem esquerda do Rio Anil. A cidade terminava no Cutim, início do atual Bairro do Anil. Segundo Francisco Mesquita (1987, p. 140) o aumento populacional pode ser comprovado pelo Almanaque Administrativo de 1858, quando o número de casas da cidade salta de 1.553 casas para 2.764 em 1856.

O crescente aumento populacional da cidade de São Luís provocou em meados do século XIX, a construção de uma biblioteca Pública, várias livrarias, gráficas, um teatro, denominado de São Luís, inúmeros jornais, bancos e Companhias prestadoras de Serviços Urbanos. Lojas de artigos de luxo e serviços de costureiras e cabeleireiros estrangeiros, notadamente prestando serviços para a elite da capital, acompanhar a moda europeia. (ABRANTES, 2014, p.37).

O crescimento da cidade levou o poder Público a intervir no disciplinamento do espaço urbano de São Luís, principalmente onde habitavam as classes sociais menos favorecidas. Então houve o projeto de embelezamento, segurança, salubridade e uma tentativa de racionalização do espaço urbano em São Luís. Por exemplo, a ocupação dos terrenos públicos, só poderia ser feita a partir do aforamento<sup>4</sup>, sendo assim os donos de terrenos sem ocupação dentro do perímetro urbano eram obrigados a edificar ou cercar com muros com aparência exterior de casa. (ABRANTES, 2014, p.37).

Outra significativa intervenção foi a proibição no seu perímetro urbano da cidade da construção de casas cobertas de palhas, nitidamente essas medidas mostrava que o poder público pretendia regular o crescimento e ao mesmo tempo promover o embelezamento da capital maranhense. Entretanto, os habitantes das regiões distante do centro não puderam obedecer às normas estabelecidas para o melhoramento da urbanização, para Raimundo Palhano: (Palhano, 1988, p.251)

[...] nas áreas ocupadas pelas famílias pobres, geralmente afastadas do núcleo central, as edificações não obedeciam a nenhum critério de alinhamento e eram feitas ao gosto de cada um. A área que ia do Desterro a São Pantaleão, a primeira a povoar-se na cidade, era um típico exemplo disto.

---

<sup>4</sup>Aforamento é quando o proprietário atribui a outra pessoa o domínio útil do imóvel.

Como se viu na citação anterior, a pobreza da grande maioria da população não permitia que a cidade tivesse um “padrão” de construção. A falta de fiscais e a preocupação de manter apenas o bairro da Praia Grande sem casas cobertas de palhas. Ali era o centro financeiro da cidade e do Maranhão, as casas importadoras e exportadoras estavam todas estabelecidas nessa região da cidade, além de seus proprietários. No bairro da Praia Grande residia ainda a elite financeira e política. (PALHANO, 1988, p. 142).

Outro autor que analisa a cidade em sua formação no século XIX é Fran Paxeco (1922), para ele:

A cidade é fúnebre. As subidas íngremes, nenhum acesso dá aos carros e as segas. Com um pequeno artifício, suavizar-se-ia a aspereza da Rua dos Sapatateiros<sup>5</sup>, que se eleva para o largo do Carmo, e a das que acendiam da Praia Grande para a Praça da Sé. Presenciavam-se covas de três braças e precipícios tão horríveis que impeliavam os habitantes a especar alicerces das propriedades. As enxurradas alufam-se e entupiam o fondeadouro<sup>6</sup> (PAXECO, 1922 ; 469).

Até o final do século XIX e início do XX a cidade de São Luís permanecia quase que restrita ao bairro da Praia Grande. Data desse período o início de sua expansão, para o único local possível na época, crescer após o “Caminho Grande” em direção ao rio Cutim onde havia a primeira ponte e ao Anil a segunda, ambas construídas por Francisco Antônio Brandão e Manfredo Cantanhêde.

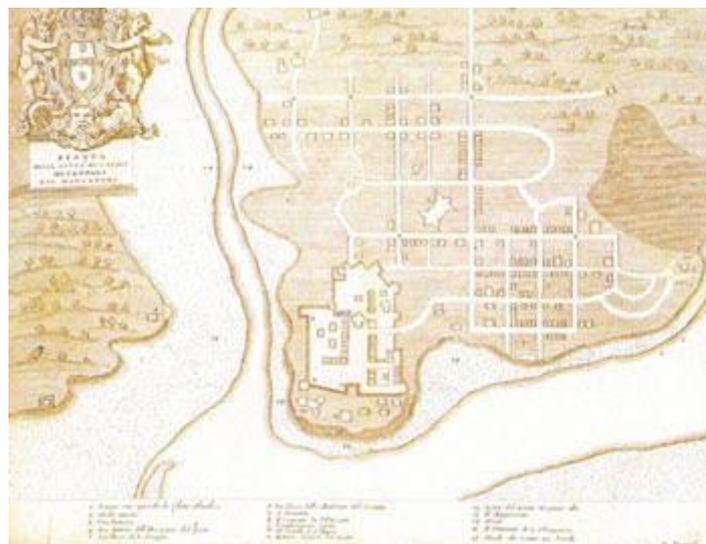


Figura 1: Cidade de São Luís do Maranhão a 1647, Fonte: Livro Maria de Lourdes Lacroix, A fundação Francesa de São Luís e seus Mitos.

<sup>5</sup>Atualmente a Rua do Sapateiro é a Rua Magalhães de Almeida

<sup>6</sup>Fondeadouro é o mesmo que ancoradouro

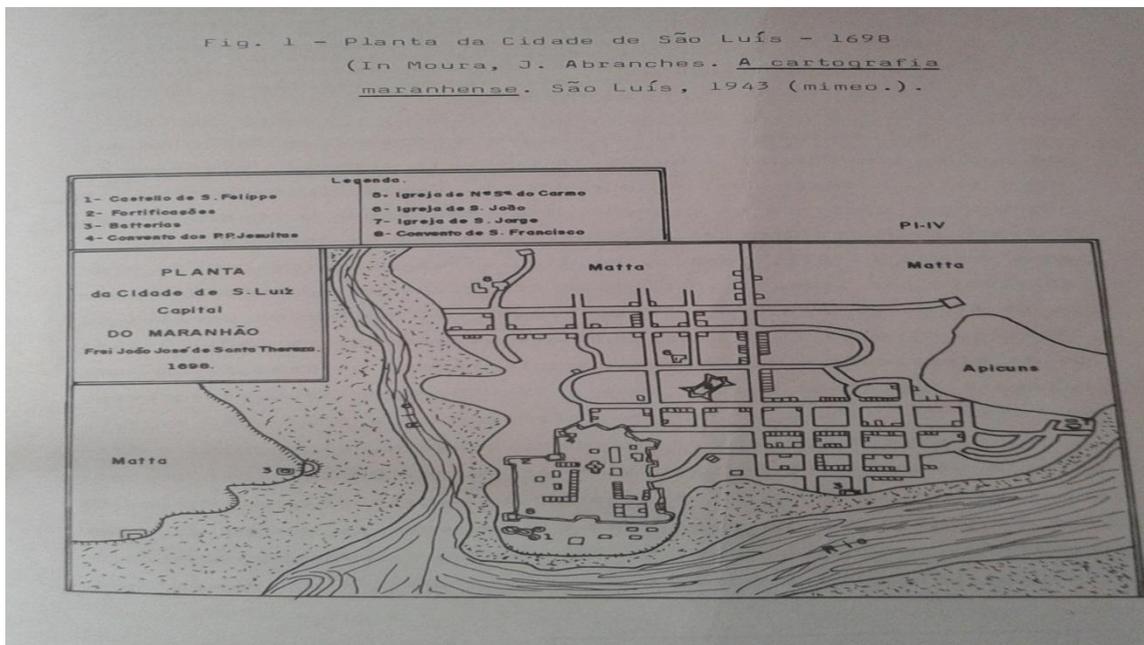


Figura 2: Planta da cidade de São Luís- 1698. Fonte: Livro Raimundo Palhano, Coisa Pública Serviços Públicos e Cidadania.

O bairro da Praia Grande, sendo o centro e o setor comercial da cidade, foi descrito por Aluísio de Azevedo em sua obra *O Mulato*:

A Praia Grande e a Rua da Estrela contrastavam, todavia com o resto da cidade, porque era àquela hora justamente a de maior movimento comercial. Em todas as direções cruzavam-se homens esbofados e rubros; cruzavam-se os negros no carroto e os caixeiros que estavam em serviço na rua; avultavam os paletós-sacos, de brim pardo, mosqueados nas espáduas e nos sovacos por grandes manchas de suor. (AZEVEDO, 1994, p.15-16).

O intenso comércio dessa parte da cidade conforme já mencionei, levou o governo em 1871, entre o governador Augusto Olímpio Gomes de Castro e o negociante José Maria Bernes, assinar o contrato para estabelecer uma linha de bondes em São Luís. A linha dos trilhos de ferro deveria partir do centro da cidade passando pelo Caminho Grande. O contrato do senhor Bernes foi aprovado pela Lei Provincial 926, de 19 de maio de 1871. No mesmo ano de 1871, organizou-se a Companhia de Ferro-carris São Luís do Maranhão.

No de 1891 a Companhia Ferro- Carril aumentou o seu capital e deu o início a construção de uma linha férrea para circular carro puxado por uma locomotiva até o Anil. O Diário do Maranhão de 22 de janeiro de 1891 menciona a ida do engenheiro da empresa e os trabalhadores do Caminho Grande até o Anil para estudar o terreno.

Alúcio de Azevedo (1994, p.102) descreveu sobre o bonde que levava as pessoas até os sítios para a comemoração das festas juninas, mas que, somente uma pequena parte dos habitantes era beneficiada com a melhoria dos serviços urbanos de infraestrutura, tratava-se da elite. Porém, as novidades do serviço de transportes que representava o progresso enfrentavam seria crítica por parte da imprensa local.

Para o jornal A Flecha o transporte feito pela Companhia Ferro- Carris apresentavam vários problemas, como “encontros na linha e desencontros no desvio, das demoras, das faltas dos condutores, da gritaria dos cocheiros, da pertinácia dos burros, do mau estado dos cartões de passagem e de outras coisinhas que substituo por dois ou três ediceteras”. Ainda na mesma matéria o jornal insistia em dizer que o serviço prestado pela companhia de transportes continuava ruim e sem nenhuma perspectiva de melhora.

Com respeito à iluminação da cidade de São Luís, que chegou por volta do ano de 1860 AZEVEDO (1994, p.41), faz o personagem Raimundo comentar sobre a mesma:

Ainda não havia gás, nem querosene, ao bater da Ave-Maria vinha o acendedor, desatava a corrente do lampião, descia-o, abria-o, despejava-lhe dentro aguarrás misturada com álcool, acendia-lhe o pavio, guindava-o novamente para o seu lugar, e seguia adiante. E que mau cheiro em todas as esquinas em que havia iluminação.

Como podemos observar a iluminação refletia bem o que era a cidade de São Luís em 1860, a crise econômica que havia se abatido sobre o estado por volta de 1850 refletia diretamente em sua Capital.

A nova iluminação a gás entusiasmou sobre maneira os moradores das artérias que vieram a recebê-la. Foram elas: “A Rampas do Palácio, o Largo do Carmo, a Praça da Alegria, o Beco do Quebra Costas, o cais da Sagração, O Beco do Precipício, O Largo dos Amores, a Rua dos Afogados, a Rua da Inveja, o Beco dos Barqueiros, a Rua da Palma, o Largo de Santo Antônio e a Praia Grande”. ( MONTELLLO, 1986, p.17). O governo satisfazia os interesses de poucos moradores privilegiados das áreas nobres da cidade, ao mesmo tempo em que, a iluminação a gás fazia diminuir as reclamações dos jornais locais contra má iluminação de São Luís.

O melhoramento urbano privilegiava as elites e empurrava para lugares distantes do centro comercial a população pobre e negra, que sofria com o trabalho pesado, e a violência física e moral. Morando em lugares na periferia da cidade, conviviam com a insalubridade e as doenças eram inevitáveis, na maioria das vezes sobrevivendo com pequenos ofícios e ocupações braçais, e muitas assemelhadas com o trabalho escravo.

A formação urbana de São Luís durante o século XIX fortaleceu a característica de ser uma cidade de acentuados desníveis social, manifesta nas condições de vida das camadas populares, resultante dos níveis de escolaridade entre essas mesmas classes. Principalmente no conjunto das políticas públicas para o setor de infraestrutura urbana acabava impondo à população pobre uma segregação espacial e dos serviços públicos essenciais.

Raimundo Palhano (1988) ao descrever a cidade de São Luís no período de 1896, principalmente o bairro da Praia Grande, um local com mais recursos investidos pelo o poder público analisa:

Em 1896, São Luís era uma cidade que tinha mais de cinco mil casas habitadas, 74 ruas, 16 praças, 21 travessas e 2 becos. As principais Igrejas eram a Catedral, a do Convento de Santo Antonio, a de Nossa Senhora dos remédios e a de São Pantaleão, localizadas em áreas nobres. Destacavam-se as praças do Palácio, onde estava a sede do governo, a capitania do Porto, a Repartição de Telégrafos, a Caixa Econômica, a Intendência, o Paço da Câmara Municipal e a catedral: o Largo do Carmo, a Praça do Comércio, onde estava a Associação Comercial e o Largo dos Remédios. Estes logradouros serviam de limites entre as principais ruas, habitadas pelas famílias importantes, justamente as que concentravam os serviços públicos urbanos existentes, como as linhas de bondes, a iluminação a gás e o abastecimento de água canalizada. ( PALHANO, 1988, p. 260-261).

Apesar de todo de crescimento urbano de São Luís não houve um planejamento adequado para futuros arruamentos, só existia a politica dos poderes públicos para uma elite. Nos três séculos de existência o centro de São Luís estava todo povoado, sendo assim além da Praia Grande havia outros onze bairros, Apicum, Vila Passos, Madre Deus, Diamante, Lira, Goiabal, Fabril, Desterro Camboa e Coréia que não recebiam praticamente nenhum tratamento do poder público.

Nos finais do século XIX o Maranhão presenciou o fim do ciclo da prosperidade algodoeira, e iniciou o processo de instalação das fábricas têxteis. A Abolição da escravidão ocasionou a substituição da mão-de-obra escrava pela assalariada. Com o desenvolvimento econômico os habitantes da capital passaram a construir suas moradias, e algumas regiões até então sem ocupação direta de residências começaram a surgir.



Figura3-Estação dos bondes no Caminho Grande, São Luís, 1922.

FONTE: (JOFFJY, 1983)

A Grande Ilha começou a se expandir, para além da Praia Grande e uma dessas regiões é o Caminho Grande. A localidade atualmente é a Avenida Getúlio Vargas e João Pessoa. Uma estrada de chão batido, segundo Cesar Marques (1970) seu primeiro contato de construção data de 1867 e depois de um tempo passou a ser a linha bonde que terminava até o Distrito do anil, neste período conhecido como Cutim. Domingos Vieira Filho descreveu sobre o Caminho Grande;

[...]magnificas quintas e chácaras com jardins e pomares que encantaram a Spix e Martius quando aqui estiveram. E eram famosas as quintas [...] onde sítios aprazíveis, opulentos de árvores frutífera e jardins com repuxos de louça e tanques azulejados no melhor estilo dos solares portugueses. ( VIEIRA FILHO,1971, p.144).

Muitas dessas quintas e chácaras foram construídas por ingleses que trouxeram o hábito europeu para São Luís, como é sabida, grande parte do comércio exportador de São Luís era controlado por eles – os ingleses -, que não eram afeitos à relações sociais, por isso procurava locais distantes do centro comercial para residirem. Foi através desses lugares que São Luís começou a sua primeira expansão, o Caminho Grande começava onde atualmente é a Rua Grande, e percorria toda a extensão do atual Canto da Fabril até o Anil.(VIVEIROS,1992,p.130).

Dunshee de Abranches (1940) em sua obra A esfinge do Grajaú, descreve uma região em que se residências de pessoas muito importantes, segundo ele:

À proporção que transpúnhamos as primeiras ladeiras do Caminho Grande, ia-nos apontando as residências tradicionais dos patriarcas da província: as quintas do Barão, dos Lapemterg, do Brigadeiro Magalhães, do Comendador Lopes, do Martinus Hoger, o famoso economista dinamarquês e do coronel Henrique Guilhon. (Abranches, 1993,p.23).

Na obra O Mulato (1994), Aluísio de Azevedo, destaca O Caminho Grande como sendo o ponto de interligação para os sítios na qual no mês de junho, no período da festa de São João todos se deslocava para os sítios que ficava longe dos centros comerciais. Azevedo destaca também o comércio que vinha do campo para cidade:

E vinham do campo para o mercado da cidade enormes tabuleiros de hortaliças, gotejantes da última rega, e pirâmides de ramalhetinhos de vintém, para se vender às mulatas; e cofos de frutas, que espalhavam no ar o ombro, as pacas e as cutias, caçadas no mato; e os carros da roça passavam gemendo, com as suas imensas rodas inteiriças, e os caboclos, seguidos pelas mulheres e pelo bandão dos filhos, num passo sacudido e ligeiro, chegavam da Vila do Paço e de São José de Ribamar, muitos carregados depois de engolir léguas e léguas a pé descalço, para vir vender á boca do Caminho Grande o seu peixe, pescado e moqueado na véspera, os seus beijus

fresquinhos, o azeite de gergelim, a massa de água, a macaxeira e os bolos de mandioca. (AZEVEDO,1994,p.102).

A partir dessa via que interligava o centro comercial com o interior da ilha, surgiram os bairros fabris e as vilas operárias. O Caminho Grande abrigou as primeiras fábricas da cidade, o Matadouro Modelo, o Cemitério da Vila dos Passos e as paradas dos bondes. Os primeiros bairros ao seu entorno foram; Diamante, Fabril, Liberdade, Vila Passos, Monte Castelo, Jordoa, João Paulo, Túnel do Sacavém, Filipinho, Outeiro da Cruz, Cutim e Anil.( MATOS, 2014,p.114)

Como em qualquer cidade, a expansão objetivava levar a população “indesejável” (negros escravizados, ex escravos, forros, brancos pobres e índios), para fora do perímetro habitado pela elite, era preciso manter esses trabalhadores longe dos imponentes prédios de azulejaria portuguesa e de modo algum permitir no mesmo espaço da cidade, cortiços e as habitações proletárias.

As unidades fabris que estavam sendo implantadas em São Luís propositadamente foram construídas em zonas suburbanas, permitia-se o desenvolvimento e a ocupação de áreas até então bucólicas, para tornarem-se bairros, estimulando o comércio, a especulação imobiliária e conseqüentemente a destruição do meio ambiente, favorecendo o surgimento de periferias e umas séries de questões sociais.

As modificações no espaço urbano no século XIX com o alargamento de ruas, implantação de redes de energia elétrica e uma política de segregação, na qual empurrou a população pobre para lugares distantes e bairros sem nenhuma condição. Segundo Michel Foucault (1987) nesse contexto a população foi alvo dos discursos e práticas de normalizações, ou seja, criaram séries de dizeres e normas sobre como o cidadão deveria se portar, que tinham como objetivo manter o controle sobre a sociedade ou ordenar o espaço urbano. Maria Borges é taxativa ao afirmar:

No fim do século XIX e início do XX, os centros urbanos, sua organização de seus espaços vai sendo profundamente alterada pela presença de novos atores sociais, cujas vidas os decretos municipais tentaram regular e controlar. Em meio a tais transformações, criou-se o pânico das massas, das multidões sem identidade próprias imediatamente identificadas com a desordem. Para manter o controle sobre o processo de alargamento do espaço público, as autoridades criavam uma série de políticas públicas, alicerçadas por uma enorme linguagem médica e jurídica. (BORGES, 2003M P.69).

Com relação à organização espacial a cidade de São Luís chegou ao século XX da mesma forma que terminou o XIX, ou seja, sem nenhum planejamento. Os espaços

periféricos continuaram sendo ocupados pelas camadas menos favorecidas da população o que não obrigava o poder público a ter qualquer compromisso com essa gente. Na metade do século XX o processo de segregação espacial continuava e terminaria o século “construindo” a maior invasão da América Latina, o bairro da Cidade Olímpica, com uma população violentada diariamente em seus direitos mínimos, cita apenas o direito constitucional de *ir e vir*, a falta de transportes públicos impossibilita a simples locomoção.

Fran Paxeco ao descrever a situação de ocupação e o processo desordenado dos espaços em São Luís, durante a regularização do tráfego da ferrovia São Luís -Teresina, na localidade entre o cais da Sagração e a Estiva diz: “um sem número de inclassificáveis barraquetas, erguidas a trouxe-mouxe, ao arbítrio dos seus donos” ( PAXECO, 1992. P.471).

O parque industrial implantado primeiro no interior do estado e depois em São Luís foi à forma encontrada de o Maranhão deixar de ser essencialmente agroexportador e industrializar-se. Contudo, na década de 60 todas as fábricas fecharam os bairros os quais surgiram a partir delas, imediatamente entraram em decadência. Mesmo o Bairro do Anil, que desde quando era chamado Cutim foi um dos mais frequentados da capital, passando pelo apogeu quando da instalação da Companhia de Tecidos Fábrica Rio Anil.



A obra *O Mulato* já tantas vezes aqui mencionada, veio a público em 1881, Aluísio de Azevedo, narra o romance entre Raimundo e Ana Rosa. Raimundo um mulato filho de um português com uma escrava, que vai estudar na Europa e depois retorna para Maranhão. Em São Luís se hospeda na casa de um parente do seu pai, onde conhece a jovem Ana Rosa por quem se apaixona. Uma história inspirada na vida maranhense daquela época, pois engloba na mesma análise os pobres escravos, os caixeiros portugueses das lojas maranhenses, as festas populares de bairro, os mexericos de aldeia, as ambições lícitas e ilícitas e os prejuízos dominantes numa estrutura social arcaica.

Esta obra foi muito elogiada na corte e nas outras províncias do Brasil, porém no Maranhão não foi bem recebida. Aluísio retrata e questiona a sociedade com seus fundamentos, denunciando a condição preconceituosa contra os mulatos e negros.

Em *O Mulato*, Azevedo expõe as mazelas da sociedade maranhense, denuncia a hipocrisia então vinha com bons olhos o mulato Raimundo, que não recebiam nenhum convite para bailes ou saraus. Além de uma crítica social a obra retrata a cidade de São Luís deste período. Numa cidade que vivia do comércio e da agro exportação, a sociedade seguia passivamente a rotina implantada no período colonial.

O autor analisa a sociedade de São Luís, uma cidade na qual o braço escravo era a sua principal fonte de energia, deixava atrás de si uma população marginalizada, composta de mestiços cuja assimilação tanto era dificultada pelos preconceitos de cor como pelo baixo estágio econômico em que viviam sob a indiferença dos maiores beneficiários do trabalho escravo a burguesia urbana e os grandes proprietários rurais. Nesse período os mulatos como o do personagem Raimundo, sua ascensão social encontrava ainda inúmeros pontos de resistências nas convenções estratificadas.

O romance mostra com realismo e detalhes algumas práticas sociais e a forma urbana da cidade de São Luís do século XIX. Destaca as movimentações de comercialização de negros pelas ruas da cidade e denuncia a hipocrisia da sociedade. São Luís é descrita como uma cidade pequena e de clima quente, com dificuldade de abastecimento de água feita por carroças, e destacam aspectos de algumas praças, ruas em construções. Destaca por exemplo a Praça da Alegria como local cercado por um casebre de porta e janela e do outro era comercializado carnes em tábuas sujas de madeira.

No entanto, o bairro da Praia Grande contrastava com os outros bairros da cidade, local dos sobrados e das lojas, do grande movimento comercial. O bonde de tração animal nessa época projetava uma linha até o Cutim, região que descreve como um dos locais mais agradáveis para um passeio, iniciado no Caminho Grande, este cercado por chácaras e sítios.

Azevedo descreve também a construção do teatro de São Luís. A obra *O Mulato* importantíssima para literatura, pois além de apresentar o Naturalismo no Brasil, é pioneira na descrição do realismo de uma cidade e principalmente da sociedade maranhense.

Dunshee de Abranches, em 1940, escreve uma crônica retratando a história político-econômica do Maranhão no período de 1888, foi promotor público de Barra do Corda e Grajaú, e criou o clube republicano de Carolina. Segundo Adalberto Franklin (1999), foi um dos homens mais influentes do século XIX e XX. Na obra; *Esfinge do Grajaú* autor narra os acontecimentos políticos ocorridos na capital e nos sertões maranhenses antes da proclamação da República. Abranches narra na obra citada o passeio que fez com o então Presidente da Província Dr. Moreira Alves, até o Cutim, quando segundo ele, foi convidado pelo presidente, para aceitar o cargo de promotor em Barra do Corda, para analisar de perto os desdobramentos políticos do sertão que Parsondas de Carvalho chamou de *A Guerra do Léda*.

Sobre o passeio com o presidente da província Abranches registrou:

[...] subir o Rio Anil até o Vinhais e daí voltar para seguir o seu curso marulhoso até á embocadura do Cutim, em uma noite dos grandes luares de julho ou de agosto, é um espetáculo de incomparável poesia e suaves encantamentos para o homem de letras. (Abranches, 1993, p 19)

Perceba-se que no passeio a menção de o Cutim ser uma região de uma noite de grandes luares e um lugar perfeito para um homem de letras, ou seja, para escritores é perfeito para buscar inspiração e demonstrando que essa localidade era bastante conhecida por pessoas importantes, Em outra passagem destaca os sítios em que ali se encontra;

[...] Partimos em marcha alta; e como o nosso ilustra companheiro nos prevenisse de que o passeio não poderia ser muito longo, resolvemos limitá-lo a um banho no Cutim do Padre, no Sitio Outeiro, de meu Pai, hoje Pirapora. (Abranches, 1993, p. 21).

Outra obra que menciona a região aqui estudada, o Cutim, que tinha início onde atualmente é o Outeiro da Cruz, é *O Mulato* (1994) Azevedo mencionou o Sitio da Maria Barbara localizado após atravessar todo o Caminho Grande, ou seja, sua localização é no Cutim, que o autor diz preferir frequentar no mês de junho, período que considerava o mais bonito do Maranhão. E destaca nas quintas as belezas dos sertões da ilha de São Luís e sua construção;

A quinta de Maria Bárbara... Um velho portal de ferro, com o competente lampião de corrente, abria sobre duas longas filas de mangueiras seculares, que iam terminar defronte da casa... Ainda mais para o interior do sítio, destacavam-se, em qualquer dia do ano, o verde-escuro e lustroso das jaqueiras colossais e das árvores da frutapão... Parasitas de mil espécies enfeitavam com as suas flores, extravagantes e admiráveis, as árvores e os pombais, numa variedade prodigiosa de cores. A

habitação olhava de frente para os dois renquei de mangueiras, franqueando as suas varandas sem parede; toda ela aberta, deixando-se invadir pelas plantas do Jardim que a rodeava. Uma dessas pitorescas vivendas acaçapadas, muito comuns nos sertões da ilha de São Luís. (AZEVEDO,1994, p.104).

Estas duas citações mostra o quanto a região do Cutim se apresenta como totalmente rural, sem nenhuma intervenção do homem diretamente, em que as pessoas tentam encontrar meios de deixar ainda mais conectadas com a natureza, outra Azevedo destaca a região como Sertões da Ilha de São Luís, só abordando que o Cutim é uma região de Sertão.

A obra de Abranches, considerado “o promotor do sertão”, recebeu este adjetivo de Adalberto Franklin pois sua obra por muito tempo conta sobre movimento republicano no sertão maranhense no período imperial, em que fez a defesa da liberdade política do interior do Maranhão. Seu trabalho inicial seria efetuar um levantamento das causas dos conflitos ocorridos entre duas famílias mais influentes do sertão, a Guerra do Léda. Mas com passar do tempo aderiu ao movimento republicano, porém como as ideias republicanas não conseguiram atingir seu objetivo, Abranches se decepciona por o partido conservador continuar no poder.

Estas duas obras são de suma importância para entender a sociedade maranhense tanto da capital e como do interior no período em que o Brasil passava por grande mudança em sua estrutura política e social no final do século XIX. A transição da Monarquia para a República e do fim da escravatura. Mudanças estas que marcariam profundamente a sociedade brasileira e em especial a maranhense, no sentido de ter uma grande quantidade de escravizados que era a base de sua economia.

Mencionado em duas referenciais obras da historiografia maranhense e frequentado pela elite local, o Cutim, por iniciativa do conselheiro João Lustosa da Cunha Paranguia, então presidente da província, recebe a criação da Escola Agrícola do Cutim que foi a primeira escola do gênero no Brasil, apesar dos esforços de vários governos provinciais esse estabelecimento resultou em completo fracasso.

A região que foi se desenvolvendo em torno do Caminho Grande, passou a abrigar um novo estrato social, que como já mencionei aqui outras vezes, não podia morar na região do centro, pois a elite maranhense desejava a todo modo se parecer com uma cultura europeia. Azevedo (1994) descreveu esta nova realidade. No momento em que todos participavam do funeral da senhora Maria do Carmo, um dos empregados do senhor Manuel Pescada sentia-se incomodado por encontrar-se naquele momento:

Quando Raimundo entrou, confidenciava um deles ao vizinho:

- Já não sou homem para estas coisas!... Não posso perder uma noite!... Por mais que beba café, sinto sono!... Porém não podia deixar de vir, era uma ocasião de encontrar-me com a pequena... Não tenho entrada na casa dela... E bocejava.

- Conhecias esta velha que morreu? Interrogou-lhe o outro.

- Não. Creio que a encontrei uma vez em casa do Manuel Pescada

...Já estive a olhá-la- é horrível!

- Pois aqui onde me vês, estou furioso! O Patrão mandou-me pra cá,, mas com poucas arribo! **Tenho um pagode no Cutim e não o perco!**

- Também por que a velha não escolheu melhor dia pra morrer!...

- Logo na véspera de São João! Que espiga!

E bocejavam ambos. (AZEVEDO, 1994, p.133-13)

Neste momento o pagode é um movimento cultural da nova estratificação social que surgia na periferia, apesar de o Cutim ser o local para sítios, chácaras e passeios para a elite cavalgar, tornou-se ideal para a manifestação de uma nova realidade cultural e social que vem se estabelecendo.

O Cutim foi uma região que ao longo do tempo passou a ser local ideal para algumas pessoas residir, por está a uma distância de 7 km da Praia Grande um lugar necessário às vezes para consolidar ideias e refletir. Abranches (1993) vai mencionar em uma passagem um fato que podemos afirmar, sobre sua cavalgada com então presidente da região maranhense Moreira Alves;

Você chegou a tempo. Soube que andou esta manha a passeio com o cavaleiro andante da Presidência; e naturalmente poderá informar-nos se é verdade que sua Excelência foi ao Cutim visitar o Cônego Damasceno e que este propôs que, com o Faquinha e os outros gatos-pingados do grêmio maísta, se reunissem esta tarde em palácio e fossem tomadas medidas enérgicas contra os horrendos morticínios, mandados fazer pelo Cristo do Grajaú.<sup>7</sup> ( ABRANCHES, 1993, p. 44)

Como eu já afirmei aqui, Azevedo (1994), em de suas narrativas menciona a ilha de São Luís com seus sertões. O autor atribui este sertão ao Cutim, quando havia a saídado centro da Praia Grande e se deslocava para esta região principalmente no mês de junho. Então por que Azevedo atribui São Luís com seus sertões? É o que tento responder no tópico a seguir.

---

<sup>7</sup>Cristo Grajaú, Apelidavam assim o coronel Francisco de Araújo Costa, cearense de origem, habitado aquela comarca sertaneja há longos anos.

### 3.1 O CUTIM COMO SERTÃO.

No senso comum é impossível dizer que dentro da cidade de São Luís existiu um sertão. Segundo o Instituto Brasileiro de geografia e Estatística (IBGE), caracteriza oficialmente o sertão como umas subáreas nordestinas áridas e pobres, estando situada a oeste das outras áreas agreste e zona da mata. Essa construção de Sertão como um local seco e pobre, e designa o homem sertanejo como um bicho do mato sem oferecer nenhum conhecimento a sociedade “civilizada” se intensificou com uma produção midiática. Sendo trabalhado sobre uma categoria espacial, social e cultural.(AMADO,1995,p.145)

Segundo Janaína Amado o sertão é conhecido ante mesmo da chegada dos portugueses, e depois de cinco séculos esta categoria permanece viva no pensamento brasileiro. Tornam-se umas das classes mais importantes para nomear uma ou mais regiões. Como categoria espacial o sertão é indicado em todo Brasil sobre várias formas

Entre os nordestinos, é tão crucial tão prenhe de significados, que, sem ele, a própria noção de “nordeste” se esvazia carente de um de seus referenciais essenciais. Que seria de Minas Gerais, Goiás ou Mato Grosso em seus sertões, como pensa-los?

Em partes do Paraná, a mesma expressão identifica uma área do interior de outro Estado, São Paulo, próximo a Sorocaba { provavelmente, uma reminiscência dos antigos caminhos das tropas}. No Amazonas, “sertão de dentro” refere-se á fronteira do estado com a Venezuela, enquanto no interior do Rio Grande do Sul, “sertão de Fora” também nomeia área de fronteira, porém situada no Uruguai.<sup>8</sup>

O conceito de sertão como categoria de pensamento social, ao longo do tempo esteve presente nos escritos dos portugueses que aqui começaram o processo de viagens pelo território brasileiro, este conceito foi como Janaína abordou o verbete. Refinaram o sentido de sertão e ele foi sendo trabalhado de diferentes formas. Somente na década de 50 do século passado, foi que o estudo sobre o *sertão* passou a interessar a outros pesquisadores tais como sociólogos, antropólogos, geógrafos, jornalistas e historiadores. Na década de 90 ainda do século passado nas obras de historiadores como Giucci e Monteiro, (1990) o *sertão* é vivido como uma experiência histórica, sendo uma categoria de entendimento do Brasil, primeiro como uma condição na colônia portuguesa e em seguida no século XX como nação. (AMADO, 1995, P.145)

O sertão como categoria cultural, é representado na literatura brasileira, principalmente na cultura popular com a tradição oral e de cordel. Janaína Amado vai abordar

---

<sup>8</sup>Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.8, n,15, 1995, p. 145.

autores como Afrânio Coutinho (1955), Antônio Candido (1993-94), Gilberto Mendonça Teles (1991) e Walnica Nogueira Galvão (1981), aborda que o sertão é frequentemente usado na literatura brasileira. No século XIX com os poemas românticos a partir de Álvares de Azevedo, Junqueira Freire e Castelo Alves. Em seguida com as prosas romântica de Bernardo Guimarães e José de Alencar na obra *O sertanejo*, e com a literatura realista com os autores Franklin Távora, Coelho Neto e Afonso Arinos.

Todavia é com autores como Graciliano Ramos, Raquel de Queirós, José Lins do Rego e Jorge Amado, que o sertão é descrito e constituído como uma região com forte presença social. Este tema é também trabalhado por João Guimarães Rosa (1965), usou a conotação para designar o sertão misterioso, o místico e ambíguo.

Em seguida Ariano Suassuna e João Ubaldo Ribeiro ajudaram a construir os variados sertões com seus personagens e narrativas místicas, permitindo assim marcar a presença definitivamente no imaginário brasileiro.

O sertão em sua trajetória histórica como categoria apresenta com os portugueses desde século XII á XIV ainda usado uma grafia “Certão”, para designar áreas situadas dentro de Portugal, porém distante de Lisboa, centro comercial do país. Durante o século XV os portugueses nomeara sertão para indicar espaços vastos, interiores de possessões recém-conquistadas.(AMADO, 1995,149)

Essa concepção feita pelos colonizadores lusitanos em regiões de seu domínio para Além do Mar ocasionou que seu significado foi sendo acrescido por viajantes e cronistas consolidando as áreas distantes do litoral, como sendo incivilizadas inculta em que imperava a barbárie, pois a lei e a ordem não eram respeitadas naquele Território. Cria-se a dicotomia litoral/sertão, civilizado/inculto, moderno/atrasado. Abordou (LIMA,1997,P.1-2).

Sertão e litoral representam os contrastes de uma sociedade vista como o principal problema a ser investigado, e que foi objeto de diferentes tentativas de interpretação. A ideia de um país moderno no litoral, em contraposição a um país refratário à modernização, no interior, quase sempre conviveu com a concepção oposta, que acentuava a autenticidade do sertão em contraste com o parasitismo e a superficialidade litorâneos.

Podemos afirmar que esta ideia ainda resiste hoje no senso comum do brasileiro, cujos primeiros estudos da interpretação do “interior” elevaram o dualismo, pois análises e descrições a respeito da região sertaneja apontaram para os aspectos negativos. Segundo Danilo Bartelt (2003) aborda que a violência do sertanejo provém de uma natureza bruta, indômita e cruel, sendo assim o produto e o reflexo de uma natureza ingrata. Todavia com aumento de um número de estudos sobre sertão, passa a ter novas interpretações do Sertão e

do Sertanejo e aqueles aspectos negativos passa a ganhar características positivas, no sentido de desconstruir os adjetivos pejorativos até então existentes.

Partindo dessa característica de sertão em que os portugueses sempre designaram e que foi sendo construída, todavia com os novos estudos nos permite a abordar a região do Cutim como Sertão. Pois o Cutim ficava localizado a uma distancia de 7 km da região da Praia Grande, no período do século XIX é a o centro comercial da província do Maranhão. Como foi mencionado anteriormente desde período colonial sertão para os lusitanos era tudo aquilo em que estava distante de um centro administrativo e comercial, logo o Cutim passa a ser um sertão dentro de uma região marcada pelo litoral. Criando entre a região do Cutim e a Praia Grande, o dualismo entre o civilizado e o inculto, em que o primeiro marcado pela uma exuberante natureza e a segunda pela modernidade e o progresso de São Luís.

Sertão, mas do que qualquer outra categoria é expoente máximo da cultura brasileira, que foi representado sobre várias formas: literatura, cinema, música e teatro. Todavia a partir metade do século XIX a realidade sertaneja passou a ser transcrita sobre outra forma, não mais como parte integrante da cultura brasileira, mas sim, um lugar em que se encontra todo sofrimento, seca, fome e morte. ( CRISTOVÃO,2004,44)

O Cutim, como todo *sertão* da Ilha de São Luís no final do século XIX passou por transformações, conseqüências inevitáveis daquelas sofridas pela a cidade, toda sua cartografia foi alterada. Suas terras e seus riachos e rios receberiam novas construções inclusive de um clube recreativo, o Litero Português, frequentado principalmente pela elite maranhense.

O rio Anil atravessava toda a área do Cutim, a implantação de uma fábrica têxtil no bairro às margens do mesmo rio, em virtude da facilidade do transporte fluvial do material ali produzido, transformou para sempre o bairro. Com a unidade fabril, foi também construída, conforme costume da época, uma vila operária. O Cutim, definitivamente estava integrado ao bairro do Anil.

Segundo Joaquim Itapary (1995. P.34), as terras nas quais foi instalada a Fábrica de Tecidos Rio Anil, que acelerou o surgimento do bairro Anil pertenciam à senhora Caetana Maria de Assunção Cadet, que as vendeu por nove contos de réis. A transação comercial data do dia 1º de maio de 1856, e foi assentada no livro da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição da Capital, e teve como escrivão o Vigário Pedro Ribeiro, registrado no livro de nº 25, nas folhas 11 e 12

#### **4. A FÁBRICA RIO ANIL**

#### 4.1 ASPECTOS FÍSICOS, ECONÔMICO E DE INFRA-ESTRUTURA PARA A INSTALAÇÃO DA FÁBRICA RIO ANIL.

A região do Anil ganhou este nome devido às características de seu principal rio, que tinha suas águas de coloração azulada, devido a grande quantidade de plantas de anil em suas margens. A densidade dessas plantas incentivou o projeto industrial de se instalar em suas margens uma industrialização do *anil*. O processo consistia na extração das folhas e em seguida se colocavam dentro d'água para machucar e conseguir um extrato azulado, o que deu origem ao nome do local. Foi a partir da instalação da fábrica que o bairro Anil começou seu processo de transformação.

A instalação de uma fábrica no bairro teve início o processo de crescimento demográfico e de urbanização desorganizada. Todavia, o progresso tão desejado pela sociedade, trás consequências terríveis para a região. Antes um lugar reconhecido por sua esplêndida natureza, com a intervenção humana, aos poucos suas matas e rios foram desaparecendo em nome do “progresso”. Assim o Anil vai se transformando para pior, suas casas e terrenos começaram a perder valor e o Rio Anil começou a morrer com a poluição e assoreamento.

Os empresários maranhenses, Henry Airlei, Antônio Cardoso Pereira, Francisco Xavier de Carvalho, Manoel José Francisco Jorge (Negociantes), José Francisco de Viveiros e Jerônimo José Tavares Sobrinho (Proprietário). Em 1893 foi instalada a Fábrica de Tecidos Rio Anil. Tinha objetivo de implantação de uma indústria têxtil, sua finalidade seria a fiação, tecelagem e branqueamento dos tecidos de algodão. Essa organização foi denominada de Companhia de Fiação e Tecidos Rio Anil, sua constituição ocorreu em 25 de setembro de 1890, foi a sétima fábrica de tecidos a funcionar no Maranhão. O capital da firma recém-constituída era em torno de 800 contos de réis na qual estavam representados por mais de 8.000 ações de 100 mil réis e tinha 260 acionistas na sua fundação. (ITAPARY, 1955. P.223)

A primeira diretoria da fábrica era composta por: Henry Airlie, Antônio Cardoso Pereira, Tem.Cel. Francisco Xavier de Carvalho, Dr. José Francisco de Viveiros, Manoel José Francisco Jorge, Jerônimo José Tavares Sobrinho, Diretos; Hermenegildo Jansen Ferreira, Antônio Leonardo Gomes, José Gonçalves Fontes Júnior, Comissão Fiscal; Firmino da Cunha Santos, Antônio José Tavares, Adriano de Brito Pereira- Suplentes da Diretoria.

Neste período o Brasil se encontrava em uma crise econômica, todavia o país tinha criado uma política de proteção às indústrias, com o processo de alíquotas alfandegárias sobre importações de produtos. A Fábrica Rio Anil tem sua instalação nas proximidades do

Rio Anil além de ser águas de boas navegações, já que mesmo diante de um desenvolvimento urbano, São Luís ainda utilizava bastante o comércio marítimo em suas relações comerciais. Outro fator é o rio permitir condição básica para fábrica obter seus recursos hídricos para disposição do funcionamento e utilização das máquinas fabris na sua produção de tecidos. Em todas as fábricas instaladas no Maranhão sempre direcionavam suas produções para um determinado tipo de tecido, aquele na qual pudessem ter mais lucro. Este fato vai descrito por MELO (1990,p.39):

O que se verificou na prática, talvez para atenuar os confrontos concorrência internos,foi o estabelecimento paulatino de uma tendência individual em direcionar a produção predominantemente, para um determinado tipo de tecido, embora não possa afirmar o uso da exclusividade. A companhia de Fiação e tecidos Rio Anil, por exemplo, dedicava aproximadamente, 90% de sua produção á Fábrica de Morins; A Companhia de Fiação e Tecidos Maranhense tinha, nos Tecidos de Algodão cru e sacaria, o grosso de sua produção; A Companhia Fabril Maranhense orientava-se, mas para os tecidos Tintos, e assim por diante.

Sua medida de frente voltada para a Maioba era de 1.500 braças, correspondente de 3.300 metros. Com disponibilidade de água para o processo produtivo e a utilização nas caldeiras, e preponderância de jazidas de pedras e matos em que podiam ser retidas as madeiras necessárias a construção do edifício, e após serem vistoriadas e aprovadas pelos engenheiros, Gastilho e Lima Campos, a negociação foi feita, e deu-se início a construção do imóvel.(ITAPARY,1995)

O trabalho de construção da fábrica foi interrompido pelo Major Francisco da Costa Fernandes, vizinho da fábrica por uma ação judicial na qual ele alegou que a fábrica estava invadindo suas terras. O major Fernandes ganhou a causa e os proprietários da fábrica foram obrigados a pagar o valor de seis contos de réis pelas terras utilizadas indevidamente.

Outro embargo que sofreu a Rio Anil foi da companhia de Águas de São Luís, que entrou na justiça comprovando que as obras da construção da fábrica estavam impedindo a mesma de utilizar as águas do Rio Anil para o abastecimento da capital.

Para além dos obstáculos mencionados anteriormente a Fábrica de Tecidos Rio Anil tinha sérias dificuldades econômicas. A falta de um mercado consumidor, que é alegado pela literatura pertinente, os embargos judiciais, a desvalorização da moeda nacional diante da libra inglesa. Esse conjunto de dificuldades era agravado em nossa opinião pela constante desvalorização de nossa moeda, ou seja, os preços dos maquinários nunca eram fixos.

A construção do edifício da fábrica Rio Anil { com 97 metros de frente e 103 metros de fundo, no total de área de 9.991 metros quadrados }, já o assentamento dos motores, máquinas e transmissões, isso ficavam em responsabilidade dos engenheiros ingleses que

foram contratados pelos donos da Companhia, segundo Joaquim Itapary a Rio Anil foi das unidades fabris do Maranhão na qual recebeu um maior investimento dos seus proprietários, por isso a contratação de muitos ingleses.

A construção da Fábrica Rio Anil foi feita a partir de cal, tijolo e alvenaria, com seu pavimento em cimento sobre pedra britada, o erguimento do teto com estruturas de ferro, firmada em blocos de concreto ciclópico, coberto com telhas de cerâmica fabricadas em Marselha, França. Para as máquinas motora era preciso ter um “chão de fábrica” que suportasse bem, o lençol freático, para tanto foram construídas paredes com dois metros e meio de espessura com argamassas de cimento, assim evitando infiltrações de água na fábrica.

No subsolo de todo o prédio são instalados canos para escoamento do esgoto das águas pluviais. Houve o levantamento de uma chaminé com tijolos, cerâmica media de 45 metros de altura. Para armazenamento de água, foi construído ao lado do prédio, um tanque com capacidade de 8 mil litros, sendo está usada nas caldeiras e voltava ao tanque para ser reutilizada. O processo de levantamento da fábrica originou um custo muito elevado para seus donos, e a recuperação desse investimento seria difícil porqueo estado não oferecia um grande mercado consumidor e ficar dependente do mercado internacional e nacional com unidades fabris bem mais desenvolvidas. (ITAPARY,1995)

Outra dificuldade enfrentada pela Fábrica Rio Anil a dificuldade de recrutar mão de obra, pois neste mesmo período por toda província do Maranhão e principalmente na capital, muitas unidades fabris estavam sendo construída no mesmo tempo. Eram poucos os profissionais com habilidades para os serviços de pedreiros, carpinas e técnicos em tecelagem e manutenção das máquinas. (ITAPARY,1995)

As máquinas das fábricas foram adquiridas a partir das correspondências com firmas inglesas. Várias propostas foram apresentadas a diretoria, e a vencedora foi Firma de Henry Livesey Limited, que apresentou propostas para fornecimento de 324 teares e de coluna de teto<sup>9</sup>.

Fábrica Rio Anil entrou em operação em 1893 com apenas 144 teares, com setores de branqueamento, departamento de fiação, tecelagem e caldeiras. Fios de algodão para urdidura e tramas, com números 25 e 35 com destinação para o consumo interno. Caldeiras (1998,p.224)comentou sobre a produção da fábrica Rio Anil: “Os morins da Rio Anil registravam vendas apreciáveis após terem sido lançados nos mercados do Maranhão,

---

<sup>9</sup>Coluna de Teto significação peças que conectavam as laterais da maquinas.

Pernambuco, Piauí e Pará. No caso maranhense, substituiu a importação de similares por sua cor branca e maciez...”

Os proprietários da fábrica tinham a pretensão de aquisição de produtos e equipamentos de alta qualidade, todavia, os preços destes variavam de acordo com a desvalorização de nossa moeda frente à moeda inglesa, impossibilitando os diretores da Rio Anil de investirem em uma quantidade maior de equipamentos. Em 1894 continuava funcionando com o mesmo número de teares de sua inauguração. Somente no ano de 1897, a Rio Anil funcionou com 220 teares. Como podemos perceber o planejamento inicial de trabalhar com 324 teares não foi alcançado de imediato.

#### **4.2 A FALÊNCIA DA FÁBRICA, O FIM DE TUDO.**

O funcionamento da Fábrica Rio Anil desde o início sofreu com situações desagradáveis, e dos uns principais problemas esteve na oscilação cambial e da consequente desvalorização da moeda brasileira (réis) diante da moeda inglesa (libra), a qual provocava o aumento dos preços dos equipamentos, pois todos eram importados.

A questão da mão-de-obra qualificada foi outra dificuldade pela qual a unidade fabril passou, pois muitos operários estavam afeitos as atividades agrícolas e a serviços domésticos. Para diminuir esta escassez de mão de obra qualificada, a alternativa foi à contratação de ingleses para executar trabalhos de chefias e serviços técnicos, porém o vencimento destes operários era muito alto, assim gerava para seus diretores mais despesas e pouco retorno.

Desde o início de suas operações a fábrica sempre operou no vermelho, somente em 1895 houve um ganho de 645.461, (réis) devido às seções de Fiação e Tecelagem. Entretanto a seção de branqueamento os seus morins não conseguia alvejar com qualidade o que mercado exigia, sendo assim havia um gasto enorme com está seção.

Joaquim Itapary destacou no ano de 1950 enfrentou uma greve de operários, que as constantes crises financeiras desembocaram em uma crise gravíssima, pois não houve dinheiro para o pagamento dos trabalhadores, pois não tinha capital de giro, porque metade dos acionistas deixou de realizar mais de 36 contos de réis. Sem esse capital a fábrica não poderia comprar o algodão e para piorar não conseguia renovar seus equipamentos.

Ainda na década de 50, a situação da fábrica Rio Anil piorou, começa a surgir os impostos e o rigor das leis sociais como (IAPI), e a cobrança dos dividendos, pois a unidade

fábrica deixou de pagar, devido a elevação dos encargos e aumento dos preços dos combustíveis.

Neste período houve um aumento de preços de todos os produtos, entretanto os preços dos têxteis tinha sofrido uma grande queda no mercado. A fábrica Rio Anil vendia seus produtos, todavia não obtinha um lucro condizente com os custos de manter ela em funcionamento.

Como não tinha capital para investir em maquinário moderno, a fábrica se viu ainda em situações complicadas devido a concorrência das unidades fabris do sul e sudeste, que já produziam tecidos de melhor qualidade colocando a unidade fabril do Anil em São Luís em situação de inferioridade, quer por sua pouca produção e pela pouca diversidade de seus tecidos, quer pela pouca tecnologia de suas máquinas.

A substituição de um maquinário na Rio Anil, só aconteceu quando houve a explosão de um motor a gás no ano de 1943, na qual tinha um funcionamento mais de 50 anos, como não havia condições de recuperação, era preciso mudar. Este acontecimento levou a fábrica a fazer sua primeira substituição de uma máquina, desde que a mesma fora fundada.

Esta deficiência tecnológica dos maquinários contribuiu significativamente para apressar o fim das atividades da fábrica Rio Anil. Sem nenhuma condição para disputar o mercado com outras unidades fabris no mercado, sendo o seu fechamento apenas questão de tempo. A falta de iniciativa empresarial por parte dos seus donos ajudou também para fábrica sofrer com o processo de falência.

Na madrugada de 20 de março de 1959, uma das caldeiras explodiu, deixando três operários mortos e um gravemente ferido, que veio a falecer posteriormente, Itapary (1995, p.119) descreve este fato:

O oxidado ventre da caldeira, com mais de meio século de operação, explodira. Das suas entranhas, água fervente e estilhaços de ferro quente espalharam morte e terror. Espessas paredes de pedra se fenderam, telhas e janelas, espedaçadas voaram para longe e a água quente, propelida violentamente através das aberturas da fachada sul, cozinhou a vegetação da galeria do tranquilo Rio Anil.

Depois desse acontecimento os acionistas perceberam a dificuldade na qual seria a reabilitação, sendo assim gradualmente foram vendendo suas ações. Logo depois o maquinário vendido e o terreno loteado. Itapary destaca que pelos 45 metros da chaminé James saíam os fumos que marcavam os céus da Vila Anil, que a fábrica transformara em um dos mais populosos bairros de São Luís. (1995. P.124). Sendo assim em 1960 a Fábrica Rio Anil já não existia mais, e os sócios restantes transformaram em Companhia do Desenvolvimento do Rio Anil.

### 4.3 A FÁBRICA RIO ANIL E A CONSTRUÇÃO DO BAIRRO ANIL.

O Anil deste do período colonial, foi local de implantação de algum empreendimento. Em 1728 o português Pedro Miguel pediu licença ao rei de Portugal para instalar uma fábrica de beneficiamento de anil em São Luís e não obteve sucesso. Seu filho José Miguel Aires, através de um alvará de 1729, foi autorizado a montar a fábrica no prazo de 24 meses.

Outro empreendimento foi instalado no ano de 1893, a Fábrica de Tecidos Rio Anil a qual mudaria totalmente a cartografia da região, a partir do aumento do número de habitantes e conseqüentemente casas para abrigar essa nova população. A implantação da fábrica, apesar das transformações causadas continuou merecendo de certa parte da elite maranhense da construção de clubes recreativos tais como o LiteroPortuguês e o Club Jaguarema.

A história do Anil voltaria a se destacar dentre os bairros de São Luís em 1932 quando através do Decreto Municipal nº 57 o Anil tornou-se sede da primeira zona de Fiscalização do interior da Capital. Publicada no Diário Oficial do Maranhão de 02/01/1933.

No final do século XX o bairro do Anil tinha 2.628 moradias e com uma população que se aproximava em 10.012 habitantes, uso como fonte a FNS ( Fundação Nacional de Saúde). E a fábrica que impulsionou uma maior expansão dessa localidade, hoje funciona a Fundação Nice Lobão, onde funciona atualmente a Escola Cintra.

O bairro do Anil antes da instalação da fábrica era uma região totalmente rural, cujo acesso eram muito difícil. O acesso mais fácil era através das águas do rio Anil até o porto do mesmo nome. Em depoimento o morador Francisco Carlos da Silva<sup>10</sup> lembra-se das histórias do seu avô seu Machado funcionário da Fábrica Rio Anil e descreve:

Era uma região totalmente como meu avô dizia dominada pelas águas do Rio Anil e com uma vegetação né muito grande, eram poucas as casas ainda, apenas havia sítios enormes e depois começou a ter as casas.

---

<sup>10</sup>Silva, Francisco Carlos da. **Entrevista concedida a Danilo da Silva Feitosa em 31/01/2016**



Figura 5: Porto do Anil ( Do Livro Maranhão 1908)

Antes de a fábrica tornar-se umas das mais conhecidas de São Luís, na década de 1940 e 1950, a partir de informações dos moradores do Anil, esta região possuía dois colégios o Grupo Escolar Estadual Padre Antônio Vieira eo Grupo Escolar Municipal Jansen Muller. Os quais ofereciam apenas o curso primário de 1º a 5º série. Uns dos moradores mencionam quando chegou aos 15 anos de idade observam um grande movimento na principal Avenida do Anil e as casas eram de tijolos mais todas perto do Cutim e perto da Fábrica encontravam-se apenas um casarão, quando essa estava já desativada, descreve o morador;

Tinha 15 anos, as casas do Anil era da avenida principal, tinha igreja, mercado, na fábrica apenas tinha um casarão quando não estava mais funcionando, tinha um cinema e o cuscuz ideal que tem até hoje<sup>11</sup>

Logo depois se desenvolveu dois educandários, com regime de internato: o Educandário Santa Cruz, sobre a orientação das irmãs Capuchinhas, e o segundo Educandário Santo Antônio para os filhos sadios dos hansenianos. São escolas que se desenvolveram ao longo do bairro Anil, atualmente o Anil possui uma Escola estadual e três colégios municipais. O Anil desde seu povoamento foi realizado a construção de uma igreja católica de Nossa Senhora da Conceição, considerada pelos anilenses a protetora da região, e foi reformada pelo vigário Frei Hermenegildo. Ainda hoje a igreja se mantém como uns do principal ponto de referencia ao bairro.

Além desta igreja católica havia a Igreja do Salvador dos evangélicos, que também se desenvolveu nesta região. O centro espírita “Jardim das Almas”, que funcionou sob a coordenação de D. Elgitha Brandão. Nesse lugar desenvolveu o terreiro de mina da

---

<sup>11</sup>J.R.F.S. **Entrevista Concedida a Danilo da Silva Feitosa**, em 31/01/2016

Dona Mundica Tainha. Em depoimento a morador Raimundo Vieira<sup>12</sup> é residente deste de 1960 no bairro Anil e descreve um pouco da importância da igreja;

A Igreja Nossa Senhora da Conceição é um marco para nossa comunidade do Anil, lembro das pessoas mais antiga dizer que a igreja está deste do início do bairro, podemos dizer que é ponto a sim como a fábrica uns dos mais importante do Anil.

Atualmente a igreja Nossa Senhora da Conceição localizada na principal Avenida do Anil, divide espaço com outras igrejas, algumas evangélicas, outras pentecostais, que juntas possuem um número bem maior de templos na região.

O Anil de início do século XX tinha um comércio bem pobre, uma loja de tecidos e uma mercearia de propriedade dos senhores Mohamed Taige e Alexandre Taige, e uma farmácia do senhor Camilo Vinhais, para atender seus habitantes. Tinha apenas um mercado municipal, mais tarde o prédio que o abrigava o foi transformado na subprefeitura do Anil, e atualmente é a unidade mista de saúde do bairro. (LISBOA, 1997, p.42)

Apesar de ter a Fábrica Rio Anil com um grau alto de investimento em infraestrutura e a elite maranhense em que frequentava o bairro anil não conseguiu ter um melhoramento urbano adequado, apenas houve a instalação do necessário para um desenvolvimento da região.

Durante o processo de expansão urbana no século XX o bairro tinha apenas um mercado municipal para seus moradores e apenas duas mercenárias do seu MohameTalge o carcamano<sup>13</sup> e Justino Silva. Segundo o morador Raimundo Vieira a mercenária do Moraes localizada na principal Avenida do Anil, é da década de 50, descreve;

Acredito eu que a mercenária do seu Moraes alí perto do Cruzeiro do Anil alí no retorno que vai pro pingão, é umas das mais antigas do bairro, lembro de antes de morar aqui de vez, vinha fazer compras com meu pai, era 1954.<sup>14</sup>

Aos domingos a população menos favorecida tinha como lazer tomar banho no Rio Anil, ou jogar futebol no Campo do Botafogo, um dos clubes de futebol amador mais conhecido da capital, o terreno do campo pertencia à fábrica Rio Anil. Ainda havia dois cinemas: o Rivoli e o Anil de propriedades da Serra & Cia Ltda.

O bairro do Anil pode se afirmar que durante o século XX em seu processo de construção do espaço urbano demonstra como uma região para futuro da capital, porém sua ocupação dar-lhe de forma “espontânea”, não algo planejado, como abordei a descrição de um morador, começaram a encher de casas o espaços do Anil.

<sup>12</sup>Vieira, Raimundo. **Entrevista concedida a Danilo da Silva Feitosa, 31/01/2016**

<sup>13</sup>Carcamano é o termo utilizado no Maranhão, para designar os descendentes dos sírios-libaneses

<sup>14</sup>Vieira, Raimundo. Op. cit

No carnaval, no sábado de Aleluia e principalmente no período de São João, ocorriam os “famosos” bailes do Pedro Veiga e do Chico Gato os dois mais conhecidos animadores culturais de festas pagãs do bairro. Os outros festejos que modificavam a rotina dos moradores do Anil eram o de Nossa Senhora da Conceição em dezembro e de São Sebastião em Janeiro. Este deslocamento das festas populares para o Anil, estar vinculado aos processos sociais que era marcado o Brasil da primeira República, visava afastar às classes populares, consideradas perigosas, da área central da cidade, ocasião em que “o que se declara, literalmente é o desejo de fazer a civilização europeia nos trópicos.”<sup>15</sup>

Com um número demográfico bastante crescente e uma fábrica de importância para o estado, essa população que residia no bairro do Anil não usufruía de bons serviços urbanos, por exemplo, em a relação à saúde os atendimentos médico era bastante precário, pois não havia posto médico no bairro. Apenas uma farmácia servia a população.

Havia duas parteiras: D. Mariana Martins e D. Mundica Brito. Os partos na qual eram realizados aconteciam nas casas das mulheres em que estava em trabalho de parto.

O bairro também abrigava sítios e vivendas que já mencionei, onde moravam as pessoas com melhores condições financeiras. Dentre estas, figuras conhecidas da cidade de São Luís. Destacam-se os seguintes moradores; o escritor e imortal da Academia Brasileira de Letras, Josué Montello; a Dra. Laura e o Dr. Carlos Vasconcellos, os primeiros médicos do bairro e as professoras Benedita Guimarães Caldas, Júlia Abreu.

O processo industrial no Brasil seguiu o modelo europeu, no sentido de construção de vilas operárias próximas das fábricas. Essas moradias “gratuitas” que a princípio poderia se pensar que era um privilégio para o operário, em verdade era um modo de controlar aqueles funcionários imprescindíveis para o perfeito funcionamento da indústria. O caldeireiro, o mecânico, o electricista eram funcionários que não podiam ficar à distância dos olhos do patrão, pois qualquer avaria na fábrica, eles estavam sempre apostos e “aos olhos”.

Para os funcionários sem altos cargos, eles não ocupavam as casas da Vila Operárias, mas alguns tinham suas casas construídas em terrenos que foram distribuídas pela fábrica, estes pagando foros anuais.

O trabalho na fábrica era a principal fonte de renda para muitas famílias, poucos conseguiam complementar a renda com outra atividade. Por várias razões; a jornada de trabalho na fábrica era extenuante com até 14 horas diárias, não permitia aos funcionários outra atividade para ter uma renda extra. Muitas pessoas da mesma família iam trabalhar na

---

<sup>15</sup>CHALHOUB, S. Cidade Febril. São Paulo: Cia. das Letras, 1996, p. 35

fábrica, ou seja, neste momento uma das poucas possibilidades para os moradores do bairro era a fábrica Rio Anil.

O bairro anil em seu processo de urbanização não tem contato com outros bairros ou pelo centro da cidade de São Luís, os setores mais pobres do bairro, principalmente os operários tinha um estilo de vida restrito, por isso surge no Anil uma grande movimentação cultural. Todavia os moradores do bairro Anil o concebem como tendo uma identidade própria, em que tornava mais do que um simples lugar, esta idealização do Anil é percebida no hábito entre seus habitantes de chamá-lo de Vila do Anil.

A região do Anil foi mais um desses bairros que o processo de industrialização vai dar a esperança de um futuro melhor para os habitantes da região, porém, comparando aos grandes espetáculos que geram expectativas de mudanças, após os aplausos se fecham as cortinas e a plateia sai aos poucos. A Fábrica de Tecidos Rio Anil, que muito contribuiu no surgimento do bairro e objetivou sua urbanização, ao encerrar suas atividades deixou marcas profundas naquela sociedade. Hoje impera a violência, as casas com pouco valor mercadológico e a total destruição do meio ambiente. Segundo a moradora Andressa dos Santos<sup>16</sup>, menciona sobre como o bairro do Anil encontra-se hoje, um local em que as pessoas se fecham dentro de casa a partir das 19 hrs, menciona:

O bairro do Anil tem uma história legal, e foi importante, lembro quando criança brincando na porta, mas hoje não posso deixar ninguém meus filhos brincar na rua, é tanto assalto, nós fechamos as portas as sete horas,. A aqui encontramos casas de até de 50 mil reais, nem acredita né [...]

O aterramento do rio Anil e o fim de sua vegetação original são exemplos típicos. Poderiam ter pensado em um parque para a cidade, no entanto, ao findar as atividades da fábrica, seus terrenos foram vendidos para a empresa Cohab, que construiu Conjuntos Habitacionais populares, Cohab Anil I, Cohab Anil II, Cohab Anil III, Cohab Anil IV.

Se antes o bairro do Anil foi cenário para região do futuro, atualmente serve apenas de passagem, ponto de referência e ligação para outros bairros ou conjuntos habitacionais, o Anil é periferia.

---

<sup>16</sup>Santos, Andressa dos. **Entrevista concedida a Danilo da Silva Feitosa, em 31/01/2016.**

#### 4.4 O BAIRRO ANIL E SUA DECADÊNCIA

O bairro Anil atualmente perdeu todo o esplendor de dois séculos atrás. Sem brilho, o bairro hoje se encontra como uma localidade em que poucas pessoas querem morar, as casas e seus terrenos se antes cobiçados tem no mercado valor baixíssimo e é considerado como uns dos bairros mais violentos da ilha de São Luís. Todavia não só a região do Anil que perdeu sua grandiosidade, o Rio Anil que cortam o perímetro urbano da Ilha de Upaon- Açú encontra-se em estado de degradação.

A atividade humana, sobre suas variadas formas vem transformando o ambiente, que ocasionam algum impacto direto ou indireto.

Ao longo do tempo as transformações vêm sendo aceleradas e intensificadas no momento em que as atividades passam pelo processo evolutivo como; coleta de alimentos, desmatamento, agricultura e a revolução industrial. Porém o principal objetivo não é de homem adaptar-se ao meio, e sim adaptar o meio as necessidades do homem, sem considerar se podem ter efeitos negativos.

O homem passou a construir suas residências perto do Rio Anil, ocasionando assim a morte da nascente e a poluição desde por meio dos esgotos dessas casas como já foi abordado, em seu processo de construção da urbanização na localidade do Anil não houve um planejamento adequado, apenas teve a necessidade de ocupar este lugar para levar-se a categoria de uma cidade em desenvolvimento.



Figura 6: Região do Anil que fica na parte de trás da antiga Fábrica Rio Anil. Fonte: do Autor.

A ilha de São Luís tem suas bacias fluviais formadas por quinze rios: Anil, Bacanga, Tibiri, Antônio Esteves, Paciência, Batatã, Cururuca, Maracanã, Calhau, Pimenta, Jaguarema, Claro, Jeniparana, Pedrinhas e Coqueiro. Todavia apenas o rio Anil e Bacanga

possui uma característica essencial para capital, pois drenam áreas do perímetro da zona urbana.

Tudo isso podemos afirmar aconteceu com a região do Anil, em seu processo de ocupação não foi planejado, e atualmente as pessoas sofrem com falta de uma estrutura sanitária e a destruição do Rio Anil, o que ocasiona, por exemplo, no período de chuvas enchentes, pois não existe um lugar apropriado para escoamento da água.



Figura 7: Região conhecida como Cutim-Anil, sofre com o processo de ocupação desordenada, em período chuvoso da capital sua avenida fica alargada. Fonte. Rio Anil Blogspot.

Em últimas décadas o crescimento econômico e social tem sua atividade executada em bases em que gera profundas degradações ao ambiente. Porém estes impactos ocasionados por essas atividades são compartilhados por todos. Não vêm de hoje que o homem tenta lançar seus detritos nos rios que cortam alguma cidade.

Com a revolução industrial apenas intensificou o volume de detritos despejados em águas, e só piorou a situação quando passou a se despejar rejeitos de produtos que não são biodegradáveis, são compostos na qual a natureza não consegue por si só eliminar. Porém estes elementos vão acumulando e diminuem a capacidade de retenção de oxigênio das águas e ocasionando problemas para vida aquática.

Na região do Anil sua vegetação inicial já está bastante devastada em decorrência do processo intenso da urbanização nos últimos dois séculos, o que está ocasionando em graves mudanças impostas à floresta primitiva. Essa floresta era composta de mangues em que estabelecia uma vegetação frondosa com grande porte arbóreo.



Figura 8: Bairro do Anil ocupando área de mangue e floresta da região. Fonte do Autor

As mudanças nas condições do sítio urbano pode ser observado com os aterros que fizeram ao longo do Rio Anil e na região, como exemplo disso, foi feito pelo supermercado Makro no Angelim e ao lado um condomínio de apartamentos que fizeram terraplanagens, retificações de canais, entre outros procedimentos, isso irá contribuir de forma significativa para modificações nas condições morfológicas da bacia do Rio Anil.



Figura 9. Supermercado Makro no Angelim, Fonte: do autor



Figura 10: Prédio ao lado do supermercado Makro. Fonte: do Autor.

Cabe ressaltar aqui durante vinte anos (1970-1994) a região do Jaracati que está situada na margem direita do rio Anil, foi utilizada como disposição final de todo o lixo

urbano da cidade de São Luís. Funcionava sob condições sanitárias incompatíveis, provocando um dos principais focos de vetores patológicos a saúde pública. Hoje nesta região encontra uns dos principais Shoppings da capital, o São Luís. Dentro dessas proximidades encontra-se o sítio Santa Eulália em que foi desenvolvido e abandonado um projeto para implantação de uma zona residencial, na qual provocou um intenso processo de devastação da cobertura vegetal.

Atualmente o rio Anil apresenta baixa qualidade da água devido ao uso para uma deposição e afastamento de efluentes domésticos e industriais, ocasionando a inviabilização aos demais tipos de uso ou atividades das águas, como natação, abastecimento doméstico, pesca e atividades de turismo e lazer em que poderia ser desenvolvidas ao seu entorno.

O aterramento mecânico que vêm ocorrendo sem controle dentro da bacia do Rio Anil, tem provocado o assoreamento dos cursos da água, inundações em alguns pontos da área, redução da navegabilidade. Tudo isso tem trazido para região do Anil problemas que acabam deixando o bairro como uns dos piores da capital e sem nenhuma perspectiva de melhora.

Sem a grandeza do passado o bairro Anil vai sobrevivendo a uma cidade em que continua a ocupar os espaços de forma desordenada, e para o Anil só resta a esperança de um projeto para fazer que seu meio ambiente venha sobreviver a este processo na qual não tem fim.

O Anil constitui como um dos palcos em que houve as contradições e ambiguidades da sociedade ludovicense se revelou. Uma região em que por todo século XIX representou os sertões da ilha com paisagens como Abranches(1993) definiu, especial para os homens de letras se inspirarem, passou no início do século XX com o processo de instalação da fábrica Rio Anil e a sofrer com um processo de urbanização sem planejamento. Então tudo que era bucólico passou a tornar-se periferia, deixando atualmente o bairro do Anil como uma localidade em que serve apenas para ponto de passagem e interligação para outros bairros, sem nenhuma mais importância para cidade.

O poder público passou a intervir na construção da ilha de Upaon-Açu, entretanto esse investimento se deteve apenas uma localidade a do centro comercial, em que no período de exportação do algodão se construiu os grandes casarões na qual atualmente faz parte do conjunto arquitetônico da cidade e conhecido como centro histórico de São Luís.

A historiografia maranhense apresentou-se sempre de forma brilhante esta região, porém em todo século XIX não se desenvolveu apenas essa localidade, surgiu outros 11 lugares compondo o espaço urbano desde período. Em quanto a Praia Grande apresentou-se

como o local ideal para modelo de cidade brasileira para se assemelhar com os modelos europeu estes outros ficaram apenas sendo componente de uma cidade que passava-lhe a imagem de crescimento.

Estes outros bairros em que se estabeleceram não tiveram olhares atentadores dos governantes da província do Maranhão, pois eram regiões na qual serviram como locais para o processo de segregação espacial e de suburbanização na capital. Podemos afirmar durante a construção da cidade com perímetro urbano mais planejado, evidenciou claramente uma espécie de ocupação dos privilegiados, onde, encontravam-se concentrados e disponíveis os melhores serviços. Mesmo regiões em que serviam de ponto de interligação como Cutim, não recebeu de forma sucinta recursos para um melhor desenvolvimento.

A segregação espacial explica pela própria forma de ocupação do espaço, devido influenciado pelos traços culturais e psicológicos de uma cidade comandada por uma elite que pouco se importava com o social. A partir do momento em que houve uma ocupação da região do Caminho Grande por parte de uma classe operária, devido os processos de instalação das fábricas, e as linhas de bonde para o Anil criaram um eixo central, do qual a cidade cresceu e produziu os subúrbios, propiciando a conquista de áreas novas a sem ocupadas por parte daquelas que não tinha como morar no centro comercial, pois a valorização imobiliária já não podia ser assimilada pela população da classe pobre.

E umas dessas áreas em que cresceu, foram Cutim e o Anil, mais tarde o Cutim passou a jurisdição do Anil. São regiões na qual são de importantíssima grandeza para crescimento da cidade, são nessas duas localidades que vão surgir uns dos bairros mais conhecido da capital. É no Cutim onde estabeleceu sítios e chácaras para no mês de junho no período de São João e nos momentos de lazeres servia de ponto para uma elite maranhense, pois se apresentavam como local totalmente bucólico.

É a partir do Anil em que vai estabelecer a fábrica de tecidos rio Anil, através dela a região vai sofrer por profundas transformações, tanto de infraestrutura como social. O anil em toda sua extensão marcada pela exuberante natureza vai se perdendo aos poucos e vão instalando grupos escolares, educandários (Preventório Santo Antônio, Lar de José), cinemas, Clubes (Grêmio recreativo Litero Português e o Jaguarema), Igrejas, Convento, portos, agência de prefeitura, posto fiscal, estradas pavimentadas, linha de bondes e mais lá na frente ônibus e carros. Entretanto essa ocupação se deu de forma sem planejamento levando a região do Anil à decadência e atualmente considerado um bairro de periferia de São Luís.

## 5. CONCLUSÃO

Nesse jogo de interesses, o Bairro do Anil simulado pelos diversos momentos vivenciados por São Luís, tem em sua particularidade em sua trajetória o apogeu quando no início de seu povoamento era o Cutim e a deterioração a partir da instalação da Fábrica Rio Anil. As passagens que emergem de uma cidade em busca de uma identidade própria acarreta consequências para um local em que menciona por Abranches (1993) uma região para os homens de letras.

A região é um quadro capaz de representar o realismo concreto e o romantismo de uma pequena poesia campestre sendo assim o bairro do Anil como um papel importante na historicidade maranhense. O bairro do Anil que em 1856 era apenas uma propriedade de Caetna Maria de Assunção Cadet, recebe em sua região central a Companhia de Fiação e Tecidos Rio Anil em 1893, e aquela área dominada por mangues, cerca de 7 quilômetros do centro urbano de São Luís, torna-se povoada e em 1919 desperta interesse nos governantes e é elevada a categoria de Vila do Anil.

Com a instalação da fábrica Rio Anil vai acarretar mudanças em toda região na qual a unidade fabril se estabeleceu, todavia a localidade do Anil era um local com características rural, com sítios e chácaras, todavia vai receber um número crescente de pessoas em que vão está ligado direto ou indiretamente a Companhia de Tecidos Rio Anil ocasionando a expansão do bairro. Seguindo uma prática muito comum nos estabelecimentos fabris do século XIX, a Companhia Rio Anil procurou construir casas para os operários, nas suas proximidades. Entretanto as casas localizadas perto da fábrica não eram para todos os funcionários, fazendo com que os diretores viessem ceder terrenos para os demais.

Como já mencionei a região do Anil atraiu para esta localidade um crescente número de pessoas, tanto para trabalhar para fábrica, abrir negócios e se residir. Todavia os melhores terrenos do bairro Anil pertenciam a Fábrica Rio Anil, fazendo com aqueles do qual não tinha nenhuma ligação com a unidade fabril viessem a desmatar e ocupar espaços até então ocupado apenas pelos mangues e Rio Anil. Fazendo assim uma ocupação desordenada do bairro Anil, assoreamento e destruição das nascentes do Rio Anil.

Acreditamos que o bairro do Anil cujo serviu a vários propósitos, inclusive alguns determinantes, como o processo de industrialização da década de 1950 a 1960 e o eixo estruturador da cidade. Todavia conduz a uma compreensão de um complexo processo de transformações pelos quais São Luís passou e passa, na tentativa de fazer reconhecida no

cenário globalizado, determinando até que ponto um bairro pode assimilar as mudanças. Sendo assim a região do Anil demonstra as inquietações de uma cidade em que procura a imagem na qual passa mostrar sua verdadeira característica.

Logo, por tudo que foi pesquisado e colocado nesta monografia, fica nítido que Anil há mais de um século atrás foi cenário da nossa história econômica e teve como ator principal a fábrica Rio Anil, e a mesma –fábrica- de tecidos que fez o bairro do Anil surgir e foi objeto de sua urbanização, sofre com o processo de esquecimento em que atualmente a região apenas encontra-se como um local sem nenhuma atração, servindo apenas de ponto de ligação para outros bairros ou conjuntos habitacionais.

## REFERÊNCIAS

ABRANCHES, Dunshee de. **A esfinge do Grajaú**. 2º ed. São Luís, ALUMAR, 1993.

AZEVEDO, Aluísio. **O Mulato**. 12º ed. Editora Ática, 1994.

ABRANTES, Elizabeth Sousa, **A educação do “ Bello Sexo” em São Luís na segunda metade do século XIX**, São Luís; Editora UEMA, 2014.

AMADO, Janaína. **Região, sertão, nação**. Estudos Históricos, v.8, n.15, 1995.

BARTELT, Dawid Danilo. “ **Palavras Secas: o discurso sobre o sertão no século XIX**”. In. ROCHA, João Cezar de Castro. **Nenhum Brasil Existe: Pequena Enciclopédia**. São Paulo:Univer Cidade editora, 2003. p.585-592.

BENEVOLO, Leonardo. **História da Cidade**. 3º ed, Editora Perspectiva S.A. São Paulo, 1997.

Bezerra, Josué Alencar. **Como definir o Bairro? Uma Breve Revisão**. Pau dos Ferros, Rio Grande do Norte, Brasil, v.1, n. 1, p. 21-31, jan./jun., 2011.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é Sólido Desmancha no Ar, A aventura na Modernidade**. 1º reimpressão, Editora Companhia Das Letras, São Paulo, 1896.

BENJAMIN, Walter. ‘**Paris, Capital do século XIX**’. In Walter Benjamin. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo, Ática, 1985.

BORGES, Maria E.L. **História e Fotografia**. Belo Horizonte: Autentica, 2003.

COSTA, Ana Amélia Silva da. **Companhia de Fiação e Tecidos Rio Anil: Sua Influência na Formação do Bairro do Anil**. Monografia apresentada ao Curso de História da Uema, 1998.

CRISTOVÃO, Fernando. **A transfiguração da realidade sertaneja e a sua passagem a mito.** Revista USP, São Paulo, 2004.

**DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DO MARANHÃO**, ano XXIX, nº 5924, de 07 de junho de 1893, p. 01. Companhia de Ferro-Carril do Maranhão: Relatório da Construção da estrada de Ferro do Anil. Jornal A Flecha, 1879.

**DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DO MARANHÃO**, ano XXIII, Decreto Municipal nº 57 02/01/1933.

FERREIRA, Antônio José de Araújo. **A produção do espaço urbano em São Luís do Maranhão: passado e presente; há futuro?** São Luís, Editora UFMA, 2014.

HOBBSBAWN, Eric. **A era do Capital.** 2º ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.

JÚNIOR, José Reinaldo. **Formação do Espaço urbano de São Luís.** Edições FUNC, 1999.

LACROIX, Maria de Lourdes Lauande. **A Fundação Francesa de São Luís e seus mitos.** São Luís: EDUFMA, 2000.

ITAPARY, Joaquim. **A Falência do Ilusório.** São Luís: Alumar, 1995.

LOPES, José Antônio Viana. **São Luís, Capital Moderna e Cidade Colonial: Antônio Lopes da Cunha e a preservação do Patrimônio Cultural ludovicense,** São Luís, Fundação Municipal de Cultura 2013.

LISBOA, Marlene Adeline Costa. **Em Torno da fábrica: O Cotidiano dos operários da fábrica do Rio Anil.** Monografia apresentada no curso de História UEMA, São Luís, 1997.

LIMA, Carlos de. **História do Maranhão.** São Luís, 1981. SIOGE.

LEFEBVRE, Henri. **A Revolução Urbana,** UFMG, Belo Horizonte, 1999.

MATOS, Heloísa Reis Curvelo, **ANÁLISE TOPONÍMICA DE 81 NOMES DE BAIROS DE SÃO LUÍS/MA**, Tese submetida à Coordenação do Programa de PósGraduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, 2014.

MEIRELES, Mário Martins. **História do Maranhão**. 2ª ed. São Luís: Fundação Cultral do Maranhão, 1980.

MELO, Maria Cristina Pereira de. **O Bater dos Panos: um estudo das relações de trabalho na indústria têxtil do Maranhão (1940 -1960)**, São Luís: SIOGE, 1990.

MESQUITA, Francisco de Assis Leal. **Vida e morte da economia algodoeira do Maranhão: uma análise das relações de produção na cultura do algodão, 1850/1890**, São Luís, UFMA, 1987.

MENDES, Sylvânio Aguiar. **Entre burros e empurrões: uma história dos bondes elétricos em São Luís (1924-1966)**. Monografia apresentada ao curso de História UEMA São Luís, 2005.

MORAES, José Geraldo V. de. **Cidade e Cultura na primeira república**. São Paulo, Editora Atual, 1994.

MONTELLO, Josué, **Os degraus do paraíso**. 5ªed, Rio de Janeiro. Nova Fronteira.1986

PALHANO, Raimundo. **A Produção da coisa pública; serviços e cidadania na primeira república: república ludovicense**. São Luís, IPES,1988.

PAXECO, Fran. **Geografia do Maranhão**. São Luís. Tipogravura Teixeira. 1922. Pflueger, Grete Soares, Neto, José Bello Salgado. **Aspectos Urbano de São Luís, Uma abordagem multidisciplinar**. São Luís: ED UEMA, 2012.

SOUSA, A.C.M..**Os parceiros do rio Bonito**. São Paulo: DuasCidades, 1987.

SULVA, Rosenilde de Jesus Barbosa. **A Fábrica Rio Anil: Industrialização maranhense e condições de trabalho do operariado.** Monografia apresentada ao curso de História-UEMA 2005.

TEXEIRA, Marlene. **Conceito de Bairro.** Anuário do Instituto de Geociência, UFRJ, 1986.

**ENTREVISTAS**

Silva, Francisco Carlos da. **Entrevista concedida a Danilo da Silva Feitosa em 31/01/2016**

Santos, Andressa dos. **Entrevista concedida a Danilo da Silva Feitosa, em 31/01/2016.**

Vieira, Raimundo. **Entrevista concedida a Danilo da Silva Feitosa, 31/01/2016**

J.R.F.S. **Entrevista Concedida a Danilo da Silva Feitosa, em 31/01/2016**

**ANEXOS**

Figura 11: Avenida João Lisboa, localidade que cortam a região Cutim Anil.



Figura 12: Avenida Édson Brandão, localidade que cortam a região Cutim Anil.



FIGURA13: Lixo em torno do Rio Anil. Fonte do Autor

